

# Letras

## DIGITAIS

Teses e Dissertações originais em formato digital

POYANAWA, A LÍNGUA DOS  
ÍNDIOS DA ALDEIA BARÃO:  
FONOLOGIA E ASPECTOS  
FONOLÓGICOS E MORFOLÓGICOS

*Aldir Santos de Paula*

1992

PPGL  
UFPE

Programa de  
Pós-Graduação  
em Letras



UNIVERSIDADE  
FEDERAL  
DE PERNAMBUCO

# Letras

## DIGITAIS

Teses e Dissertações originais em formato digital

## FICHA TÉCNICA



### COORDENAÇÃO DO PROJETO LETRAS DIGITAIS

Angela Paiva Dionísio e Anco Márcio Tenório Vieira (orgs.)

### CONSULTORIA TÉCNICA

Augusto Noronha e Karla Vidal (Pipa Comunicação)

### PROJETO GRÁFICO E FINALIZAÇÃO

Karla Vidal e Augusto Noronha (Pipa Comunicação)

### DIGITALIZAÇÃO DOS ORIGINAIS

Maria Cândida Paiva Dionízio

### REVISÃO

Angela Paiva Dionísio, Anco Márcio Tenório Vieira e Michelle Leonor da Silva

### PRODUÇÃO

Pipa Comunicação

### APOIO TÉCNICO

Michelle Leonor da Silva e Rebeca Fernandes Penha

### APOIO INSTITUCIONAL

Universidade Federal de Pernambuco

Programa de Pós-Graduação em Letras



# Letras

## DIGITAIS

Teses e Dissertações originais em formato digital

## APRESENTAÇÃO



Criar um acervo é registrar uma história. Criar um acervo digital é dinamizar a história. É com essa perspectiva que a Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras, representada nas pessoas dos professores Angela Paiva Dionisio e Anco Márcio Tenório Vieira, criou, em novembro de 2006, o projeto *Letras Digitais: 30 anos de teses e dissertações*. Esse projeto surgiu dentre as ações comemorativas dos 30 anos do PG Letras, programa que teve início com cursos de Especialização em 1975. No segundo semestre de 1976, surgiu o Mestrado em Linguística e Teoria da Literatura, que obteve credenciamento em 1980. Os cursos de Doutorado em Linguística e Teoria da Literatura iniciaram, respectivamente, em 1990 e 1996. É relevante frisar que o Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, de longa tradição em pesquisa, foi o primeiro a ser instalado no Nordeste e Norte do País. Em dezembro de 2008, contava com 455 dissertações e 110 teses defendidas.

Diante de tão grandioso acervo e do fato de apenas as pesquisas defendidas a partir de 2005 possuírem uma versão digital para consulta, os professores Angela Paiva Dionisio e Anco Márcio Tenório Vieira, autores do referido projeto, decidiram oferecer para a comunidade acadêmica uma versão digital das teses e dissertações produzidas ao longo destes 30 anos de história. Criaram, então, o projeto **Letras Digitais: 30 anos de teses e dissertações** com os seguintes objetivos:

- (i) produzir um CD-ROM com as informações fundamentais das 469 teses/dissertações defendidas até dezembro de 2006 (autor, orientador, resumo, palavras-chave, data da defesa, área de concentração e nível de titulação);

# Letras

## DIGITAIS

Teses e Dissertações originais em formato digital

- (ii) criar um Acervo Digital de Teses e Dissertações do PG Letras, digitalizando todo o acervo originalmente constituído apenas da versão impressa;
- (iii) criar o *hotsite* Letras Digitais: Teses e Dissertações originais em formato digital, para publicização das teses e dissertações mediante autorização dos autores;
- (iv) transportar para mídia eletrônica *off-line* as teses e dissertações digitalizadas, para integrar o Acervo Digital de Teses e Dissertações do PG Letras, disponível para consulta na Sala de Leitura César Leal;
- (v) publicar em DVD coletâneas com as teses e dissertações digitalizados, organizadas por área concentração, por nível de titulação, por orientação etc.

O desenvolvimento do projeto prevê ações de diversas ordens, tais como:

- (i) desencadernação das obras para procedimento alimentação automática de escaner;
- (ii) tratamento técnico descritivo em metadados;
- (iii) produção de *Portable Document File* (PDF);
- (iv) revisão do material digitalizado
- (v) procedimentos de reencadernação das obras após digitalização;
- (vi) diagramação e finalização dos e-books;
- (vii) *backup* dos e-books em mídia externa (CD-ROM e DVD);
- (viii) desenvolvimento de rotinas para regularização e/ou cessão de registro de Direitos Autorais.

**Os organizadores**



# Letras

## DIGITAIS

Teses e Dissertações originais em formato digital

**POYANAWA, A LÍNGUA DOS  
ÍNDIOS DA ALDEIA BARÃO:  
FONOLOGIA E ASPECTOS  
FONOLÓGICOS E MORFOLÓGICOS**

*Aldir Santos de Paula*

1992

Copyright © Aldir Santos de Paula, 1992

Reservados todos os direitos desta edição. Reprodução proibida, mesmo parcialmente, sem autorização expressa do autor.

Programa de Pós-Graduação  
em Letras e Linguística  
UFPE

P O Y A N Á W A

A LÍNGUA DOS ÍNDIOS DA ALDEIA BARÃO  
aspectos fonológicos e morfológicos

por

ALDIR SANTOS DE PAULA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
MESTRADO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA

P O Y A N Á W A  
A LÍNGUA DOS ÍNDIOS DA ALDEIA BARÃO  
aspectos fonológicos e morfológicos  
por  
ALDIR SANTOS DE PAULA

Dissertação apresentada ao Mestrado  
em Letras e Lingüística da Univer-  
sidade Federal de Pernambuco como  
requisito parcial para a obtenção  
do grau de Mestre em Lingüística.

Programa de Pós-Graduação  
em Letras e Linguística  
UFPE

Examinadores:

---

---

---



Viver um sonho sonhado.

Vivê-lo. Realizá-lo.

Aos meus pais

Creuza e Severino,

pelo amor e pelas "batalhas".

"Há homens que lutam um dia e são bons.  
Há outros que lutam um ano e são melhores.  
Há quem luta muitos anos e são muito bons.  
Mas há aqueles que lutam a vida toda  
e esses são imprescindíveis."

*B. Brecht*

A Adair,  
pela forma lúcida e segura com que  
marcou sua presença neste trabalho  
e como justa homenagem por uma vi-  
da dedicada à causa indígena no  
Brasil.

Para Railda

que pela sua generosidade, altivez

e amor à língua

consegue ser a SÍNTESE do povo

P O Y A N Á W A.

## AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

### - No Acre:

- . À Comissão Pró-Índio do Acre, nas pessoas de Nietta Monte, Vera Olinda e Renato Gavazzi;
- . Aos índios: Hana Manaitá, Celina Rosas (in memoriam), Margarida Vaskiri, Luiz Jardim, Antima, Prudente de Moraes, Alberto Itxumbãe, e a todos os Poyanáwa, na pessoa de Mario Carneiro, líder da Aldeia;
- . A Renilda, Eronilda, Marinilza, Cremilda, Renilza, Marizete, Camilo, Bernardo;
- . A Terry Valle de Aquino e Antonio Luiz B. Macedo.

### - No Recife:

- . À Universidade Federal de Pernambuco - Departamento de Letras;
- . À CAPES e ao CNPq;
- . Ao Mestrado em Letras e Linguística, nas pessoas de seus professores e funcionários, especialmente aos professores Judith Hoffnagel e Francisco Gomes de Matos;
- . Ao Núcleo de Estudos Indigenistas;
- . A Maria Núbia da Câmara Borges;
- . A Maria Lucia Palacio;
- . A Carla Maria Cunha;
- . A Samarone Lima de Oliveira;
- . Às minhas irmãs;
- . Aos amigos e todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.



## R E S U M O

Este trabalho tem por objetivo analisar a fonologia e alguns aspectos da morfologia da língua Poyanáwa, família Pano, que é falada por aproximadamente doze índios da aldeia Barão, no município de Mâncio Lima, Estado do Acre.

A nível segmental será apresentado o inventário consonantal e vocálico (fonético e fonêmico) e a nível suprasegmental o padrão acentual. Os padrões silábicos da língua, assim como alguns aspectos morfológicos: estruturas nominal, verbal e pronominal, serão analisados.

Esperando oferecer um retorno de cunho social à nação Poyanáwa, será apresentada uma proposta de alfabeto que, possivelmente irá de encontro aos anseios do grupo nas áreas educacional e cultural.

## SÍMBOLOS / ABREVIATURAS

V	Vocóide / vogal
C	Contóide / consoante
[ ]	Transcrição fonética
/ /	Transcrição fonêmica
≠	Pausa (inicial ou final)
.	Fronteira silábica
?	Item lexical não identificado
" "	Tradução literal
' '	Tradução livre
-	Segmento em análise
'	Acentuação (índice antecedendo a sílaba tônica)
{~}	Ou (exclusivo)
A.C.	Ação completa
Af	Afirmativa
A.I.	Ação incompleta
AnF	Ação não finalizada
CPI-AC	Comissão Pró-Índio do Acre
enf	Partícula enfática
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
Int	Interrogativa
Neg	Negativa
Pas I	Passado longínquo indefinido
Pas II	Passado recente conhecido
Pres	Presente
p	como <u>p</u> de <u>p</u> ato
b	como <u>b</u> de <u>b</u> ato
t	como <u>t</u> de <u>t</u> ato
d	como <u>d</u> de <u>d</u> ata

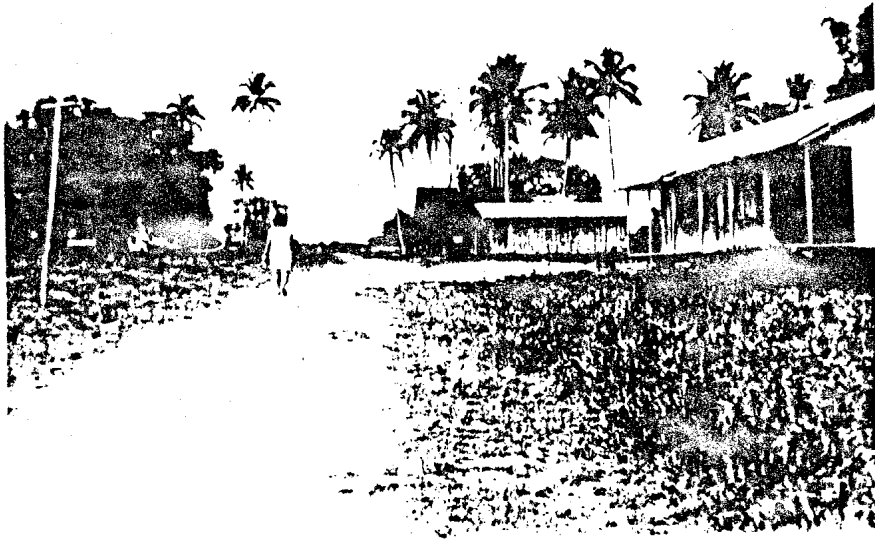
k	como <u>qu</u> de <u>que</u>
b	como <u>v</u> de <u>vaso</u> (dialeto lusitano)
v	como <u>v</u> de <u>vinho</u>
s	como <u>s</u> de <u>sapato</u>
ʒ	como <u>ch</u> de <u>chave</u>
h	como <u>r</u> de <u>rosa</u> , <u>carta</u> , <u>mar</u>
ts / tʃ	como <u>ts</u> de <u>cats</u> 'gatos' (inglês)
tʃ / ʃ	como <u>t</u> de <u>tia</u> (dialeto carioca)
m	como <u>m</u> de <u>mamãe</u>
n	como <u>n</u> de <u>nada</u>
r	como <u>r</u> de <u>cara</u>
w	como <u>u</u> de <u>mau</u>
y	como <u>i</u> de <u>vai</u>
i	como <u>i</u> de <u>ipê</u>
e	como <u>ê</u> de <u>você</u>
a	como <u>a</u> de <u>atacar</u>
u	como <u>u</u> de <u>uva</u>
o	como <u>ô</u> de <u>vovô</u>
ɨ	como <u>i</u> com a língua ligeiramente retraída (quase na posição de <u>u</u> )
ĩ	como <u>im</u> de <u>fim</u>
ã	como <u>ã</u> de <u>lã</u>
ũ	como <u>um</u> de <u>nenhum</u>

# S U M Á R I O

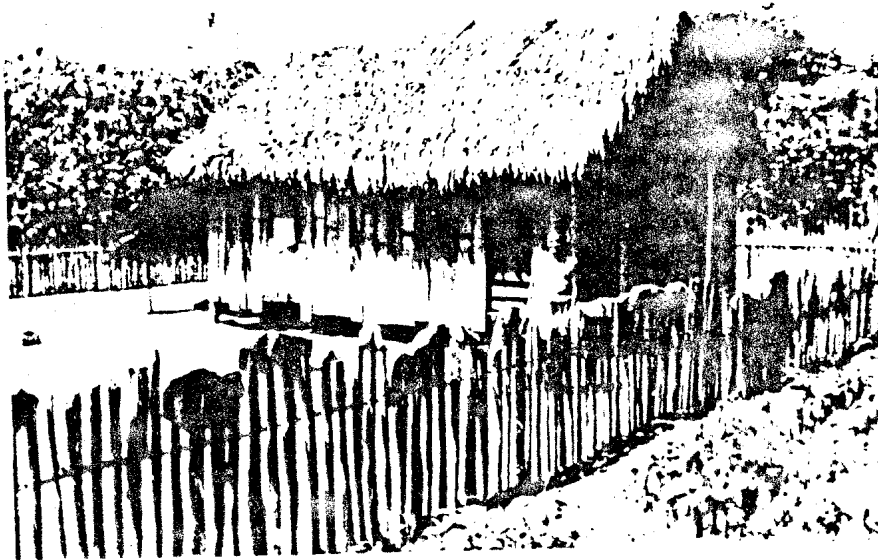
INTRODUÇÃO .....	13
CAPÍTULO I - ESTUDO FONOLÓGICO: FONES .....	26
1.1 SEGMENTOS FONÉTICOS .....	26
1.1.1 <u>Segmentos Consonantais</u> .....	29
1.1.1.1 Inventário dos segmentos consonantais em seus respectivos ambientes de ocorrência no corpus .....	30
1.1.2 <u>Segmentos Vocálicos</u> .....	43
1.1.2.1 Inventário dos segmentos vocálicos orais em seus respectivos ambientes de ocor- rência no corpus .....	43
1.1.2.2 Inventário dos segmentos vocálicos na- sais em seus respectivos ambientes de ocorrência no corpus .....	46
1.2 ACENTUAÇÃO .....	47
1.3 SÍLABA .....	49
1.3.1 <u>Padrões Silábicos do Poyanáwa</u> .....	49
1.3.2 <u>Ditongo</u> .....	52
CAPÍTULO II - ESTUDO FONOLÓGICO: FONEMAS .....	56
2.1 FONEMAS SEGMENTAIS .....	56
2.1.1 <u>Consoantes</u> .....	56
2.1.2 <u>Vogais</u> .....	65
2.2 ACENTO DE INTENSIDADE .....	70
CAPÍTULO III- MORFOLOGIA .....	72
3.1 NOMES .....	73
3.1.1 <u>Substantivo</u> .....	74
3.1.2 <u>Adjetivo</u> .....	75



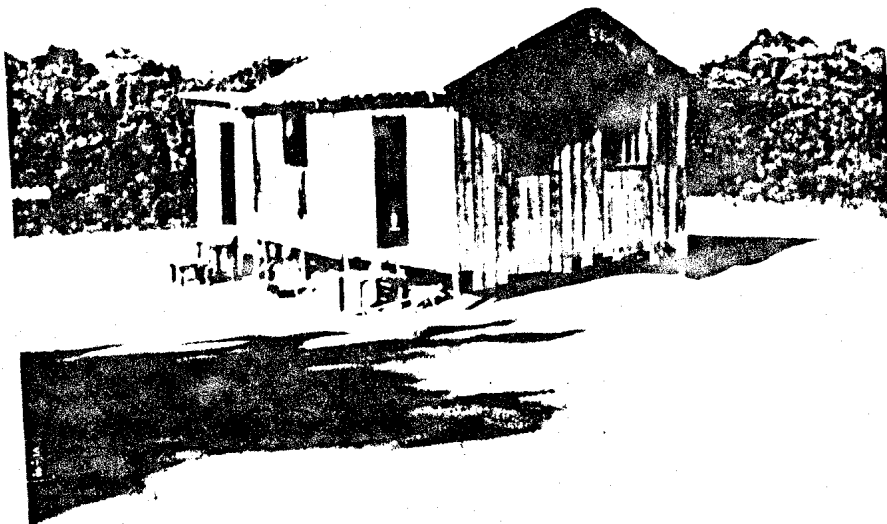
3.1.3 <u>Posição dos Nomes</u> .....	75
3.2 MORFEMA "KUÍSI" .....	76
3.3 VERBO .....	78
3.3.1 <u>Morfologia da Palavra Verbal</u> .....	81
3.3.1.1 Marcador temporal .....	82
3.3.1.2 Marcador aspectual .....	84
3.3.1.3 Marcador modal .....	86
3.4 PRONOMES .....	87
3.4.1 <u>Pronomes Pessoais</u> .....	88
3.4.2 <u>Pronomes Possessivos</u> .....	94
CAPÍTULO IV - PROPOSTA DE ALFABETO .....	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	104
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	110
A N E X O S : ANEXO I - MAPAS	
ANEXO II - GLOSSÁRIO POYANÁWA/PORTUGUÊS	
ANEXO III - TEXTO POYANÁWA	
ANEXO IV - MITO DA CRIAÇÃO	



*Vista da Aldēia Barão. Uma das escolas no primeiro plano.*



*Tipos de casas Poyanāwa*



## INTRODUÇÃO

Os índios brasileiros sempre despertaram nosso interesse. Inicialmente fomos motivados por leituras que destacavam aspectos gerais de sua cultura e, posteriormente, quando já fazíamos o Curso de Pós-Graduação, pela disciplina Etnografia das Línguas Indígenas Brasileiras, que não só ampliou nosso conhecimento sobre esses povos, como viabilizou fazermos um trabalho a eles direcionado.

Essas nações vêm lutando pela sua sobrevivência cultural, enquanto a comunidade científica considera importante registrá-la. Para os lingüistas faz-se urgente a documentação e análise de suas línguas, em especial daquelas com poucos falantes, para evitar, por um lado, a perda sem registro de informações para a ciência, e por outro, para estimular a manutenção dessa preciosa manifestação cultural. Esses foram alguns dos motivos que nos levaram a optar por aspectos descritivos de uma dessas línguas como trabalho acadêmico.

Buscando a língua a ser analisada, tivemos informações de que algumas línguas indígenas faladas no Estado do Acre estavam precisando de maiores estudos e que uma delas, além de contar com poucos falantes, não havia sido registrada. Isso coincidiu com o nosso desejo de analisar uma língua sem análise prévia.

Resolvemos assim estudar a língua Poyanáwa, da família lingüística Pano, falada pelos índios do mesmo nome, situados no município de Mâncio Lima, a 100 quilômetros da cidade de Cruzeiro do Sul, no Acre.

Entre a decisão e a primeira viagem à aldeia passaram-se alguns meses, que foram usados para rastrear todo o material bibliográfico sobre o grupo, tão exaustivamente quanto possível. Para

nossa surpresa muito pouco havia sido escrito. Reunimos todo o material de que tivemos conhecimento, que estava disperso em vários centros brasileiros e se constituía, na maioria, de publicações anteriores à década de trinta.

Em julho de 1990, viajamos para Cruzeiro do Sul onde encontramos Railda Manaitá pela primeira vez. Railda é uma índia Poyanáwa, de aproximadamente 55 anos, que veio a ser nossa principal informante. Ela é uma pessoa encantadora, amável, atenciosa e muito preocupada com a manutenção lingüística do grupo.

Foi ela quem nos apresentou a Mário Carneiro, liderança Poyanáwa, que se mostrou muito cordial e receptivo ao nosso trabalho.

Embora residindo em Cruzeiro do Sul, Railda nos acompanhou à aldeia e muito pacientemente nos ensinou os primeiros sons, palavras e frases da língua.

Chegando à aldeia, conhecemos informantes como: Antônio Jardim, 78 anos, Celina Rosas e Margarida Vaskiri, ambas com 62 anos, e outros. Nessa viagem coletamos dados baseados em questionário previamente organizado, fizemos gravações e transcrições. Todos os informantes sempre se mostraram dispostos a colaborar conosco.

Na aldeia, pudemos conhecer melhor a vida cotidiana dos índios e participar de algumas atividades. Tivemos então a oportunidade de vivenciar um fato muito importante para os Poyanáwa, a auto-demarcação das terras, processo que durou em torno de três semanas.

Tinha havido várias tentativas, mas só em julho de 1990 a área indígena foi auto-demarcada, sendo necessário ainda seu reconhecimento por parte da FUNAI. Esse fato possibilitou um assentamen



to de marcas nas terras imemoriais dos Poyanáwa e deflagrou um processo de auto-identificação grupal, que teve reflexos na auto-imagem de cada índio. Nas conversas que tivemos com eles, após esse processo, percebemos que sentiam a necessidade de uma língua que os identificasse, e assim, os diferenciasse como povo. Isso nos dá muitas esperanças de que, em futuro próximo, a língua venha a ser novamente aprendida e usada na comunicação diária.

Fizemos uma segunda viagem em julho de 1991 e centramos esforços na elicitación de dados e dos já observados que precisavam ser confirmados. Nessa etapa, trabalhamos apenas com Railda Manaitá, por ser a pessoa de maior domínio lingüístico e maior capacidade de refletir sobre a língua, o que nos ajudou a cercar melhor o objetivo desejado. Aplicamos um questionário centrado nas realizações morfológicas, tais como: nomes, verbos, pronomes, esclarecendo ainda problemas de ordem fonético/fonológicos.

Os Poyanáwa, apesar de todos os percalços históricos que atravessaram ao longo dos anos, continuam desejando que a sua língua e identidade cultural sejam mantidas. Desejamos que este trabalho sirva de estímulo para que essa esperança, acalentada pelo grupo e partilhada por nós desde o início, torne-se realidade.

As primeiras referências sobre o grupo Poyanáwa são do início do século e vêm através de relatos de viajantes ou missionários, quando dos primeiros contatos interétnicos.

Conforme a tradição oral, confirmada através dos dados levantados, o grupo habitava às margens do rio Juruá, mas após a chegada dos primeiros exploradores, por volta de 1857, migrou para uma região situada entre o Paraná dos Mouras e o rio Mõa (CASTELO BRANCO, 1950: 28). Ficaram incógnitos até 1913, quando foram "pacificados" por Mâncio Lima, após doze anos de tentativas. Nesta tare-

fa ele foi auxiliado por Antonio Bastos, que, se fazendo passar por índio, foi aceito na aldeia.

O material bibliográfico disponível sobre o grupo é bastante escasso. O trabalho de maior abrangência é o do médico da Comissão de Limites do Brasil com o Peru, João Braulino de Carvalho, que manteve contato com o grupo entre os anos 1920 e 1927, registrou importantes fatos culturais e uma lista de palavras na língua.

Dentre vários registros feitos pelo médico, destacamos a tatuagem, a perfuração da orelha e do septo nasal, feitas em meninos e meninas entre os oito e dez anos.

A tatuagem era feita com espinhos de "murú-murú" e a tinta usada era o resultado da mistura de carvão triturado com o sumo de jenipapo verde. A criança a ser tatuada ficava em "completo estado de embriaguês", resultante da ingestão de várias cuias de passimã (bebida tribal) fermentado.

A tatuagem, nos meninos, era feita em torno da boca e, na face, com várias linhas perpendiculares; nas meninas, além destas, eram feitas "duas linhas retas partindo de um pouco abaixo da cicatriz umbelical e terminando ao nível da mama; daí partem outras duas em direcção à axila, onde terminam. Essas linhas são unidas por uma linha reta horizontal que as une em baixo da cicatriz umbelical." (CARVALHO, 1931: 231-232).

A perfuração das orelhas era executada com espinho de pupunha; depois era introduzida uma "tala de paxiúba". "O furo da orelha serve para aí serem colocados ornatos de penas e uruá (caracol). Estes ornatos são usados sómente em situações de festas". (CARVALHO, 1931: 232).

O septo nasal era perfurado com osso de macaco, servin-

do para colocar contas nos dias de festa.

Estes ritos marcavam a passagem da infância para a vida adulta.

A lista de palavras encontrada em CARVALHO (1931: 235-245) é dividida em classes como: substantivo, adjetivo, advérbio, pronome e verbo; e em "nomes de animais, plantas e palavras mais usuais". O autor ainda teceu considerações sobre a pronúncia de determinados sons e aspectos gramaticais da língua. Este vocabulário totaliza 412 palavras.

A grande maioria das palavras desta lista foi cotejada com o levantamento lexical feito para este trabalho e apresentou co incidência.

CASTELO BRANCO (1950: 30) descreve os Poyanáwa como indivíduos corpulentos, altos e espadaúdos, pesando entre "90 e 100 quilogramas", "mais claros que os cachinauás", e alguns com barbi-cha e bigode.

Eram polígamos, cada homem podia ter mais de uma mulher. As mulheres casavam-se muito novas. Para casar, o noivo trabalhava algum tempo para o sogro por um período que variava de seis meses a um ano.

Viviam em malocas, uma casa térrea, sem soalho, com cobertura que ia até o solo e sem divisões internas. Havia apenas duas entradas da altura de um homem, na frente e nos fundos, tinha a extensão de cem metros, "com pouca largura, aonde se aboletavam diversas famílias, tendo cada uma seu fogo distinto dos demais. Embora tivessem uma vida comunal, tinham uma perfeita noção de propriedade." (CASTELO BRANCO, 1950: 32).

Não temos registros escritos de como a caça e a pesca e

ram praticadas. Segundo os mais velhos, a pesca era feita coletivamente com a construção de barragens temporárias nos igarapês. Nestes reservatórios era colocado o timbô e os peixes eram apanhados no momento que vinham à superfície; a caça era realizada com arco e flecha.

As manifestações culturais desapareceram quase por completo. Dentre estas, a cerâmica, com vasos pintados com urucu, jeni-papo e desenhados com gregas; os tecidos, redes, tangas, cestas de palha, adereços, como "diademas de penas de tucano", "colares de dentes de macaco", "miçangas misturadas com dentes", "tangas de penas de jacamim, cotujão, mutum, arara e tucano". (CARVALHO, 1931: 232-233).

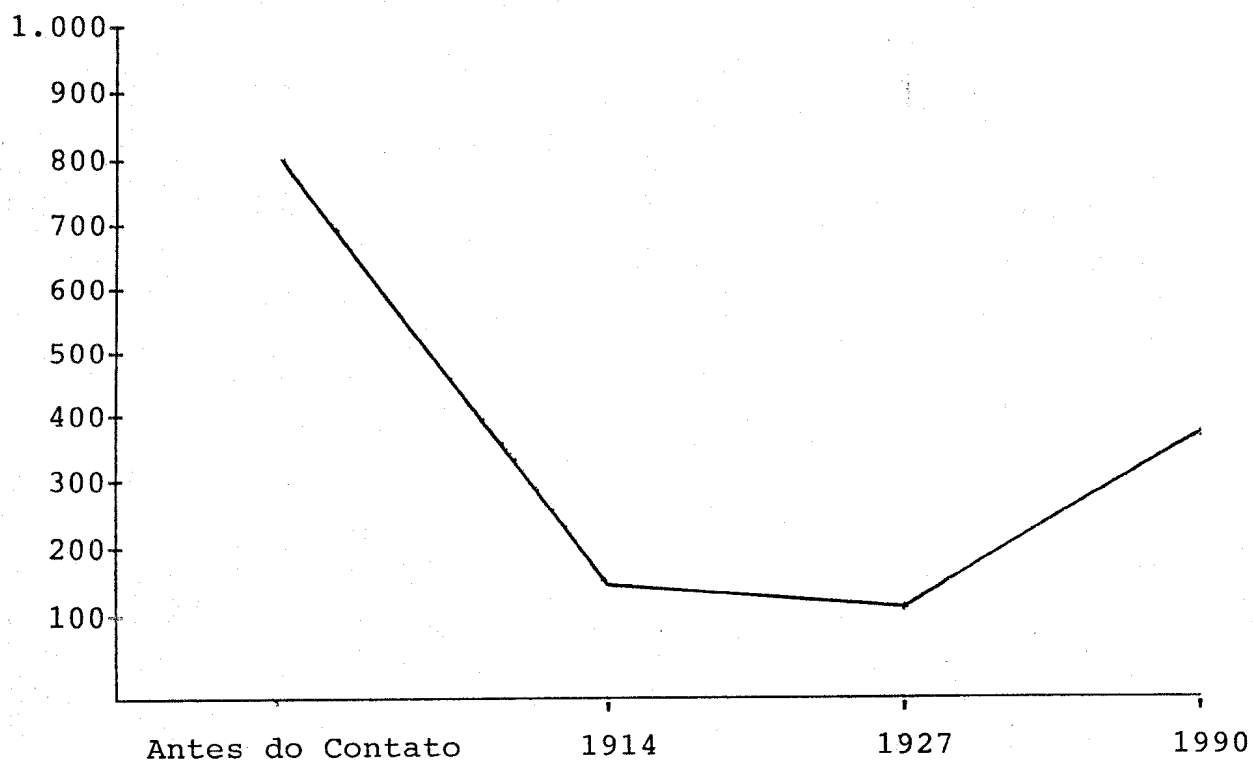
Atualmente esses índios não usam nenhum adereço, e não têm nenhuma festa. O que se tem notícia é que esporadicamente os velhos realizam o "Mariri", dança tribal, mas sem nenhuma participação dos mais jovens, que não se empenham na manutenção das tradições.

As únicas atividades de lazer se restringem às "peladas" de futebol nas quartas e sábados. Algumas vezes, aos sábados, realizam uma espécie de baile, onde são tocadas músicas regionais.

Os dados sobre a densidade demográfica são contraditórios. O Gráfico I mostra as flutuações da população segundo as fontes disponíveis. Segundo as narrativas dos mais velhos, o número de pessoas era, antes do contato, de aproximadamente 800 índios. Em 1914, foram registrados 150 (CASTELO BRANCO, 1950: 20). Treze anos depois, em 1927, CARVALHO (1931: 230) contou 125 pessoas distribuídas em 20 famílias. Em julho de 1990 verificamos que na aldeia moravam 385 índios.



GRÁFICO I - População Poyanáwa



Os Poyanáwa organizam-se hoje em famílias nucleares, cada uma das quais mora em casa feita de madeira, em estilo palafita. Cada casa tem divisões internas tais como: quartos, salas e cozinha.

Atualmente, os casamentos tendem a ser monogâmicos e o noivo não precisa trabalhar para o sogro, conforme era a tradição.

As atividades de subsistência sofreram poucas modificações. Uma delas foi a introdução da criação de animais domésticos como: galinhas, porcos e bois, enquanto no passado só criavam animais silvestres como: jacarim, mutum, arara e macaco. A agricultura não sofreu alterações na forma como era praticada. Ainda hoje, plantam milho, feijão mandioca, batata-doce e inhame.

Os roçados de mandioca têm uma importância muito grande na atividade agrícola dos Poyanáwa, pois é uma cultura que não exige muitos cuidados e com o tubérculo é feita a farinha, um dos prin

cipais elementos de consumo na aldeia. A farinha excedente é vendida nas feiras livres de Cruzeiro do Sul, a cidade mais próxima. Com o dinheiro adquirido são comprados víveres, ferramentas e alguns outros produtos não disponíveis na aldeia.

Talvez por não disporem de igarapés com fartura de peixes, esses índios hoje pescam nos rios com anzol e rede, meios mais usados para maior extensão e volume de água. Para caçarem usam a espingarda.

Em 1914, o "governo prefetural" criou uma escola primária. Hoje, o grupo dispõe de duas escolas, com professores índios, onde o português é a língua estudada. As escolas seguem os conteúdos e programação de férias da rede oficial da região. Os professores têm formação no curso de magistério, oferecido semestralmente pelo Projeto Alfa II, do Ministério da Educação. Nos contatos estabelecidos percebemos a carência de métodos pedagógicos eficazes e a necessidade do ensino bilingüe. Este depende da descrição da língua Poyanáwa, para que ela possa ser ensinada na escola às crianças e/ou adultos, como acontece com outros grupos que, embora com um número pequeno de falantes, conta com algumas pessoas muito motivadas para tentar ensinar a língua indígena visando a sua recuperação.

Entre os Poyanáwa, a primeira pessoa que despertou para a necessidade da manutenção lingüística do grupo foi Railda Manaitá, que, mesmo sem apoio externo e material pedagógico, tentou inculcar nos outros índios este valor, através de aulas onde a língua era ensinada. Para estas aulas, criou um alfabeto, baseado no Português, e fez uma lista de palavras e frases na língua. Após alguns meses, Railda adoeceu e o processo foi interrompido. Esperamos que, após este trabalho de descrição fonológica e morfológica da língua, as aulas possam ser retomadas, pois este é um desejo acalentado por

grande parte da comunidade.

A língua Poyanáwa é chamada pelos falantes de "üdikuĩ", língua verdadeira. O número de falantes ativos era, à época do levantamento de campo (julho/90), de doze, numa população de 385 índios. Podemos estimar que o número de falantes passivos, isto é, pessoas que entendem mas não falam, corresponde a mais ou menos 10 pessoas. É interessante destacar que as crianças, que seriam os elementos perpetuadores da língua, são monolíngües em Português, o que gera um processo de obsolescência lingüística ou a possível extinção deste valioso patrimônio cultural.

Logo que chegamos à aldeia, na nossa primeira visita, começamos o trabalho de campo pelo levantamento de dados lingüísticos. Aplicamos o Questionário do Museu Nacional, elaborado por J. Mattoso Câmara Júnior e Sara Gudschinschy, ampliando-o, quando necessário, para focalizar aspectos gramaticais que foram observados ou a partir de hipóteses que iam sendo formuladas no decorrer da coleta de dados. Ampliamos o léxico do Questionário para que os termos da fauna e flora regional sugeridos pelos informantes pudessem ser incorporados. Isso motivou-os a participar mais ativamente do processo de coleta e a lembrar itens já esquecidos ou usados com pouca frequência.

O levantamento de campo baseou-se em procedimentos metodológicos recomendados por SAMARIN (1967), GUDSCHINSCHY (1967) e GLEASON (1985), muito adequados para trabalhos iniciais com línguas ágrafas. Para a análise dos dados recorreremos às abordagens teórico-metodológicas recomendadas por PIKE (1943, 1948), NIDA (1949), ELSON & PICKETT (1978), KINDELL (1977), abordagens estruturalistas distribucionais que, através de processos de descoberta, usando comutação, permitem a montagem de paradigmas e sintagmas para compre-

ensão da estrutura da língua.

Tentamos, na medida do possível, descrever os principais fatos nas áreas da fonologia e morfologia, registrando-os, comentando-os para que sirvam de material para futuros estudos sobre as línguas Pano e, acima de tudo, para identificar e servir ao povo Poyanáwa, que apesar de todos os percalços históricos que atravessaram ao longo dos anos, continua desejando que a sua identidade lingüística e cultural sejam mantidas.

Não nos foi possível selecionar os informantes. Havia apenas doze falantes, com mais de 50 anos. Procuramos registrar todos eles. Sempre que possível, trabalhamos com cada informante em lugar isolado, o que algumas vezes não ocorreu e fez com que certos trechos das gravações possuam ruídos ou vozes externas esporádicas. Como não há falantes jovens não foi possível observar mudanças fonéticas ou lexicais que possam estar ocorrendo.

Para elicitación dos dados, submetemos nossos informantes à audição de uma sentença ou item lexical em Português, solicitando que fosse traduzido para o Poyanáwa. A resposta era simultaneamente gravada em fita cassete e transcrita foneticamente de oitiva. Solicitamos, ainda, que o informante repetisse cada dado pelo menos duas vezes; em seguida fazíamos a leitura do que havia sido transcrito para que o informante avaliasse a qualidade do registro: líamos a transcrição e observávamos se a reação era positiva ou negativa.

Para que os informantes não ficassem cansados, trabalhamos de 40 minutos a uma hora por dia, com cada um, nos horários em que estivessem livres de suas atividades.

Os mitos e a história do contato com o grupo foram docu

mentados com a participação dos índios Prudente de Moraes, Alberto Itxubãe e Antimã. O primeiro narrava os mitos na língua Poyanáwa, que eram traduzidos para o Português por algum falante presente, quase sempre Railda ou Antonio Jardim. Os dois últimos, embora falantes, fizeram narrações em Português. Todas as histórias referentes ao contato foram marcadas por experiências de maus-tratos e escravidão impostas pelo seringalista Mâncio Lima, o que deixou lembranças amargas deste período.

Gravamos algumas músicas tribais com Hana Manaitá, 90 anos, provavelmente a pessoa mais velha da aldeia e a única que possui a tatuagem característica do povo Poyanáwa (cf. pág. 16). Alguns desses cantos, especialmente os de lamentação (cantados quando alguém morria) fizeram algumas pessoas presentes à gravação chorar.

Das revisões feitas do material gravado, com o que foi transcrito de oitiva, foi montado um glossário Poyanáwa - Português (v. Anexo), com cerca de trezentos itens lexicais, escritos de acordo com a proposição de alfabeto feita para a língua (Cf. Cap. IV).

Este trabalho, que tem por objetivo a descrição fonológica da língua Poyanáwa e trata também de alguns aspectos da morfologia que puderam ser bem delimitados, está dividido em quatro capítulos. No capítulo I, faremos o inventário das ocorrências dos segmentos consonantais e vocálicos em seus respectivos ambientes de ocorrência, descreveremos a estrutura silábica e o padrão acentual da língua. No capítulo II, confrontaremos os segmentos consonantais e vocálicos entre si para determinar se estas realizações são fonemas ou alofones, comentando cada ocorrência. Para a determinação das consoantes e vogais, usamos a técnica do par mínimo (dois enunciados que se distinguem pela oposição de um único item), e do ambiente análogo (parte semelhante de enunciados diferentes, onde se ob

servam dois itens no mesmo ambiente). O capítulo III tratará da análise morfológica da língua: das estruturas nominal, verbal e pronominal. No capítulo IV apresentaremos a proposta de um alfabeto e comentaremos sobre suas possíveis conseqüências para este povo, nas áreas educacional e cultural e, com isso, esperamos oferecer ao grupo um retorno de cunho social.





HANA MANAITÃ,  
*a única índia com a tatuagem característica dos Poyanãwa.*

## CAPÍTULO I

### ESTUDO FONOLÓGICO: FONES

#### 1.1 SEGMENTOS FONÉTICOS

Nesse trabalho utilizaremos uma definição de sons consonantais e vocálicos empregada por SLOAT et al. (1978: 27). As consoantes são produzidas pela constrição em algum ponto do trato vocal, desviando, impedindo ou obstruindo completamente o fluxo de ar na cavidade oral. Para classificação e descrição das consoantes recorreremos a três critérios:

- a. ponto de articulação (local onde os articuladores se aproximam);
- b. modo de articulação (maneira como o ar passa pelo trato vocal);
- c. papel das cordas vocais (tensão ou distensão e maior ou menor aproximação das cordas vocais).

As vogais são realizadas pela tensão e aproximação das cordas vocais (vogais sonoras), quando da passagem do ar, vindo dos pulmões. Em sua maioria, as vogais são sonoras mas pode haver um relaxamento das cordas vocais, com conseqüente dissonorização da vogal. Isso pode ocorrer ocasionalmente. Para a classificação das vogais recorreremos a um modelo tridimensional que observa:

- a. altura (maior ou menor abertura da boca);
- b. posição vocálica (posição da língua);
- c. arredondamento dos lábios (protuberância dos lábios).

O ponto de articulação se refere ao local do trato vocal onde dois articuladores se aproximam para produzir um som. Temos, então, sons que são produzidos com os dois lábios, bilabiais;

com o lábio inferior e os dentes superiores, labiodentais; com a ponta da língua e os alvéolos, alveolares; com a lâmina da língua e o palato duro, palatais; com o dorso da língua e o palato mole (velum), velares; e com as cordas vocais se articulando para produzir os sons glotais.

O modo de articulação diz respeito às maneiras pelas quais a corrente de ar passa pela boca, com maior ou menor grau de abertura causada pelo abaixamento do maxilar inferior e com diversos posicionamentos da língua, provocando diferentes tamanhos e formas do trato vocal. Se houver obstrução à passagem do ar o som resultante é chamado oclusivo; se houver constrição com fricção, é chamado fricativo. Se o som começa como oclusivo e acaba como fricativo é chamado de africado. Se o palato mole (velum) se abaixa para permitir que o ar passe também pelo nariz, o som é nasal; se a ponta da língua bate uma ou mais vezes no alvéolo, o resultado é um som vibrante; se a articulação envolve uma constrição na cavidade oral maior do que as vogais mais altas i e u, mas não tão grande para produzir uma fricção, temos um som semi-vocálico.

O papel das cordas vocais é importante na classificação do som quanto a sua sonoridade ou surdez. O som produzido enquanto as cordas vocais estão tensas e se aproximam provocando vibração, é chamado de sonoro; quando o contrário acontece, isto é, quando o som é produzido sem esta vibração, é chamado de surdo.

Para a classificação das vogais recorreremos a um modelo que observa a abertura da boca, a posição da língua e dos lábios e o grau de tensão muscular, especialmente da língua. Quanto à abertura da boca, as vogais são classificadas em altas (pouca abertura), médias (abertura intermediária) e baixas (maior abertura); pela posição da língua em relação à abóboda palatina, as vogais podem ser:

anteriores (a parte anterior da língua em repouso está paralela ao palato); centrais (o corpo da língua em repouso está mais para trás do palato); e posteriores (retração do dorso da língua na direção do velum). O arredondamento dos lábios (extensão dos lábios para a frente), produzirá vogais arredondadas. É mais natural que esse processo aconteça com as vogais altas e médias posteriores (SLOAT et al., 1978: 25).

Como um complemento a essa classificação, as vogais podem ser orais e nasais. As vogais nasais são articuladas com o abaixamento do velum, permitindo a passagem do ar pelo nariz; quando isto não acontece as vogais são orais.

Para designar os segmentos consonantais e vocálicos, usaremos a terminologia proposta por PIKE (1947), contóide e vocóide para o nível fonético; e, consoante e vogal, para o nível fonêmico. Adotaremos, também, os conceitos de naturalidade e semelhança fonética, sugeridos por SLOAT et al. (1978: 99-107) e KINDELL (1977: 25-37), respectivamente.

### 1.1.1 Segmentos Consonantais

QUADRO I - Realizações fonéticas consonantais (neste quadro apresentamos os 17 segmentos consonantais encontrados).

		Pontos de Articulação					
		BILABIAL	LÁBIO-DENTAL	ALVEOLAR	PALATAL	VELAR	GLOTAL
Modos de Articulação	Participação das cordas vocais						
	OCLUSIVAS	Su	p		t		k
So		b		d			
FRICATIVAS	Su			s	<sup>v</sup> s		h
	So	<b>b</b>	v				
AFRICADAS	Su			ts	<sup>v</sup> t <sup>s</sup>		
NASAIS	So	m		n			
VIBRANTES	So			r			
SEMI-VOGAIS	So	w			y		

1.1.1.1 Inventário dos segmentos consonantais em seus respectivos ambientes de ocorrência no corpus.

[ p ] Oclusivo bilabial surdo

# - V	(01)	pabĩ'ki	'Orelha'
	(02)	pakatš <sup>v</sup> u'ka	'Macaco jogue-jogue'
	(03)	pis'kã	'Marimbondo'
	(04)	pu'ti	'Costas'
	(05)	puy'ã	'Punhos'
	(06)	pũ'du	'Veias'
	(07)	pũ'su	'Bentinha'
	(08)	pĩ'tsu	'Cintura'
V - V	(09)	ka'pa	'Quatipuru'
	(10)	ĩ'pa	'Pai'
	(11)	tã'pã	'Paxiúba'
	(12)	š <sup>v</sup> i'pi	'Macaco soim'
	(13)	ta'itš <sup>v</sup> ĩ'pu	'Calcanhar'
	(14)	da'pu	'Tutano'

Este segmento realiza-se em início e meio de enunciado, intervocalicamente, formando sílaba com todos os vocóides, exceto: [ e ], [ ĩ ], [ o ], [ ě ], [ õ ].

C - V	(15)	tšay'pa	'Comprido'
	(16)	buspa'ti	'Andorinha'

Esta posição consonantal só pode ser ocupada pelo semi-vocóide [ y ] e pelo segmento fricativo alveolar surdo [ s ].

## [ b ] Oclusivo bilabial sonoro

# - V	(17) ba'ri	'Cotia'
	(18) ba'ka	'Rato'
	(19) ba'ši	'Areia'
	(20) bi'si	'Arraia'
	(21) bu'ša	'Molhado(a)'
	(22) ba'pu	'Miolos da cabeça'
V - V	(23) nã'bi	'Carne'
	(24) ikã'ba	'Verde'
	(25) hũ'bu	'Fumo'
	(26) tšu'bu	'Curimatã'
	(27) ikutē'ba	'Fogo'
	(28) hukũ'ba	'Grande'

Este segmento ocorre em início de enunciado e intervocálicamente, sucedido apenas pelos vocóides [ a ], [ i ], [ u ].

## [ b ] Fricativo bilabial sonoro

# - V	(29) ba'ki	'Filho'
	(30) ba'ri	'Sol'
	(31) bã'hũ	'Cotovelo'
	(32) bã'de	'Marido'
	(33) ba'ti	'Rabo'
	(34) bu'ša	'Estrela'
	(35) bušihu'a	'Vovô'
	(36) bi'ru	'Olho'
	(37) bi	'Carapanã'

	(38)	bĩ	'Vela'
	(39)	bĩw'i	'Mambira'
V - V	(40)	a'bu	'Cairara'
	(41)	awĩ'bu	'Mulher'
	(42)	ãdi'bu	'Avô'
	(43)	pabĩ'ki	'Orelha'

Este segmento ocorre em início e meio de enunciado, intervocalicamente, formando sílaba com todos os vocóides, exceto: [ i ], [ o ].

C - V	(44)	daybuh'nã	'Nuvem'
-------	------	-----------	---------

Esta posição consonantal só pode ser ocupada pelo semi-vocóide [ y ].

[ m ] Nasal bilabial sonoro

≠ - V	(45)	mã'bu	'Dinheiro'
	(46)	mã'sa	'Bom'
	(47)	mã'hũ	'Chifre'
	(48)	mã'dĩpĩ'i	'Folha'
	(49)	mã'kã	'Mão'
	(50)	mĩ'mã	'Flecha'
V - V	(51)	bemã'nã	'Testa'
	(52)	ia'sĩmã'sĩ	'Tamanduá'
	(53)	ka'mã	'Raposa'
	(54)	kuru'mĩ	'Bebê'



Este segmento realiza-se apenas sucedido pelos vocóides [ã], [ĩ], em posição inicial ou medial intervocálica.

[w] Semi-vocóide bilabial sonoro

V - V	(55) iw'ɨ	'Árvore'
	(56) iw'i	'Casa'
	(57) awĩ'bu	'Mulher'
	(58) ãdiw'a	'Velho'
V - #	(59) 'dɨw	'Barro'
	(60) 'ʒiw	'Pium'
	(61) haw	'Osso'
	(62) ʒaw	'Sal'

Este segmento realiza-se, sempre, em travamento silábico antecedido pelos vocóides [a], [i], [ɨ], no meio ou no final de enunciado.

[v] Fricativo labiodental sonoro

# - V	(63) vuh	'Cabelo'
	(64) vũh'bi	'Pestanas'
	(65) vuš'pi	'Sobrancelhas'
V - V	(66) tãka'ravũ'du	'Galo'
	(67) mã'kãbi'vi	'Dedos da mão'
	(68) ãvui'ka	'Primo'

Este segmento realiza-se em início e meio de enunciado

intervocalicamente, sucedido pelos vocóides [ u ], [ ũ ], [ i ], [ a ].

[ t ] Oclusivo alveolar surdo

# - V	(69) ta'ɨ	'Pé'
	(70) ta'ka	'Fígado'
	(71) tā'bu	'Bochecha'
	(72) tɨ'hu	'Pescoço'
	(73) tɨ'puh	'Jiju (peixe)'
	(74) tu'ku	'Umbigo'
V - V	(75) šã'ti	'Cairara'
	(76) uš'i'ti	'Cachorro'
	(77) bɨ'tɨh	'Tripas'
	(78) pu'ti	'Costas'
	(79) ũtu'ku	'Moça'
	(80) rātuh'ku	'Joelhos'
	(81) ikutē'ba	'Fogo'
	(82) sua'ta	'Minhoca'
	(83) pã'šihɨ'taw'a	'Cachorra (peixe)'

Este segmento realiza-se em início e meio de enunciado, intervocalicamente, formando sílaba com os vocóides [ i ], [ ɨ ], [ ĩ ], [ a ], [ ã ], [ u ].

C - V	(84) baš'ta	'Macaco barrigudo'
	(85) buš'ta	'Sujo'
	(86) puybiš'tĩ	'Pena'

A posição Consonantal só pode ser ocupada pelo segmento palatal surdo [ ʃ ].

[ d ] Oclusivo alveolar sonoro

# - V	(87) da'ʃi	'Banho'
	(88) dah'va	'Barriga'
	(89) dakaka'ti	'Cobertor'
	(90) daw'a	'Civilizado'
	(91) dɨw	'Barro'
	(92) diw'ɨ	'Vento'
V - V	(93) ã'da	'Língua'
	(94) ãda'ka	'Aracoã'
	(95) kã'da	'Arara'
	(96) ĩ'du	'Onça'
	(97) nĩ'du	'Aqui'
	(98) ʃã'du	'Cobra venenosa'
	(99) ũ'di	'Gente'

Este segmento realiza-se em início e meio de enunciado, intervocalicamente, formando sílaba com todos os vocóides, exceto: [ e ], [ o ], [ ã ], [ ĩ ], [ õ ], [ ũ ].

[ s ] Fricativo alveolar surdo

# - V	(100) sã'y'ka	'Nambu preto'
	(101) sã'kĩ	'Porquinho'
	(102) subia'ki	'Redondo'
	(103) sua'ta	'Minhoca'

	(104)	sibakaw'ã	'Poraquê'
	(105)	siũy'a	'Listra'
V - V	(106)	pũ'su	'Bentinha'
	(107)	i'su	'Macaco preto'
	(108)	uã'sa	'Macaco cheiro'
	(109)	mã'sa	'Bom'
	(110)	ipãi'sã	'Bacaba'
	(111)	iu'si	'Pessoa gorda'
	(112)	ba'si	'Frio'
	(113)	ri'si	'Rede'
	(114)	pi'sa	'Araçari'

Este segmento realiza-se em início e meio de enunciado, intervocalicamente, e forma sílaba com os vocóides [ a ], [ ã ], [ u ], [ i ], [ ã ].

V - C	(115)	buspa'ti	'Andorinha'
	(116)	pis'kã	'Marimbondo'
	(117)	ãs'pã	'Azevedo (peixe)'

Este segmento participa no travamento silábico apenas quando a consoante seguinte for a oclusiva bilabial surda [ p ] ou a velar surda [ k ].

[ ts ] Africado alveolar surdo

# - V	(118)	tsa'tsa	'Agulhão'
	(119)	tsã'kãtsĩ'kõ	'Banana grande'
	(120)	tsã'kã	'Cotiara'

V - V	(121)	a'tsa	'Mandioca'
	(122)	itsa'mĩ	'Fruta (?)'
	(123)	iamĩtsa'nũ	'Colher'
	(124)	pĩ'tsu	'Cintura'

Este segmento realiza-se em início e meio de enunciado, intervocalicamente, formando sílaba com os vocóides [ a ], [ ã ], [ u ].

[ n ] Nasal alveolar sonoro

≠ - V	(125)	nã'sa	'Capitari'
	(126)	nã'bi	'Carne'
	(127)	nĩ'du	'Aqui'
	(128)	nũki'ba	'Mão esquerda'
	(129)	nũdi'a	'Aí'

V - V	(130)	inãhãka'ra	'Víbora'
	(131)	nũ'nũ	'Pato'
	(132)	ka'nã	'Banquinho'
	(133)	pa'nã	'Açaí'
	(134)	uĩ'nũ	'Buriti'
	(135)	ãwnãy'ti	'Canoa'

Este segmento realiza-se em início e no meio do enunciado, intervocalicamente, formando sílaba com os vocóides [ ã ], [ ĩ ], [ ũ ].

## [ r ] Vibrante alveolar sonoro

# - V	(136)	rā'hū	'Objeto velho'
	(137)	rātuh'ku	'Joelho'
	(138)	rā'kī	'Nariz'
	(139)	riw'i	'Juriti'
	(140)	ru	'Pedra'
	(141)	ru'ka	'Paruaçu'
V - V	(142)	ira'bu	'Homem'
	(143)	ka'ri	'Batata-doce'
	(144)	tšū'ri	'Nambu sururina'
	(145)	bariki'a	'Dia'
	(146)	bī'ru	'Olho'
	(147)	tšū'ru	'Ruga'
	(148)	urukubuy'bī	'Banana naja'

Este segmento realiza-se em início e meio de enunciado intervocalicamente, formando sílaba com os vocóides [ a ], [ ã ], [ i ], [ u ].

## [ š ] Fricativo palatal surdo

# - V	(149)	ša'ši	'Caranaí'
	(150)	šã'ti	'Cairara'
	(151)	šã'ki	'Rã'
	(152)	šiši'ki	'Dança tribal'
	(153)	ši'ši	'Quati'
	(154)	ši'pi	'Macaco soim'
	(155)	šiw	'Pium'
	(156)	šī'du	'Macaco prego'

V - V	(157)	ta'š̥i	'Vermelho'
	(158)	iaw'iš̥i	'Tatu verdadeiro'
	(159)	buš̥ihu'a	'Vovô'
	(160)	pĩ'š̥i	'Toalha de mesa'
	(161)	pi'š̥i	'Costelas'
	(162)	bu'š̥a	'Estrela'
	(163)	iũ'š̥ĩ	'Alma'

Este segmento realiza-se em posições inicial e medial intervocálica, formando sílaba com os vocóides [ a ], [ ã ], [ i ], [ ĩ ].

V - C	(164)	baš̥'ta	'Macaco barrigudo'
	(165)	buš̥'ta	'Sujo'
	(166)	buš̥pa'ti	'Andorinha'

O segmento funciona como travamento silábico quando sucedido pelo oclusivo alveolar surdo [ t ] ou oclusivo bilabial surdo [ p ].

[ tš̥ ] Africado palatal surdo

≠ - V	(167)	tš̥aw'a	'Sacarrona'
	(168)	tš̥a'hu	'Veado'
	(169)	tš̥ay'pa	'Comprido'
	(170)	tš̥u'ku	'Flor'
	(171)	tš̥u'ru	'Ruga'
	(172)	tš̥u'rã	'Gia'
V - V	(173)	pakatš̥u'ka	'Macaco jogue-jogue'

(174) ta'tš<sup>v</sup>ĩ'pu 'Calcanhar'

(175) ta'tš<sup>v</sup>a 'Raiz'

Este segmento realiza-se em posições inicial e medial intervocálica e forma sílaba com os vocóides [ a ], [ u ], [ ĩ ].

[ y ] Semi-vocóide palatal sonoro

V - { $\frac{V}{C}$ }	(176) hay'a	'Reto'
	(177) baybaw'a	'Uru'
	(178) paya'ti	'Abano'
	(179) māynāw'a	'Caraaçu'
	(180) tšay'pa	'Comprido'
	(181) puy'ã	'Braços'
	(182) b̄ituy'a	'Macaco da noite'
V - ≠	(183) bay	'Terra'
	(184) bay	'Estrada'
	(185) hãy	'Tracajá'
	(186) mãy	'Carã (peixe)'
	(187) nãy	'Preguiça'
	(188) uy	'Chuva'
	(189) puy	'Pena'
	(190) buy	'Boi'

Este segmento realiza-se em posições medial, intervocálica ou não, e em posição final de enunciado, sempre como travamento silábico, sucedendo os vocóides [ a ], [ ã ], [ u ].



## [ k ] Oclusivo velar surdo

# - V	(191) kã'mã	'Raposa'
	(192) ka'pĩ	'Jacaré'
	(193) kĩ'ha	'Boca'
	(194) kĩ'bu	'Jacu'
	(195) ku'hu	'Cujubĩ'
	(196) ku'te	'Coco'
	(197) kumãw'a	'Nambu azul'
	(198) kũšĩ'ka	'Boto (peixe)'
V - V	(199) mã'kã	'Mão'
	(200) ua'ka	'Água'
	(201) ãda'ka	'Aracoã'
	(202) hĩ'ki	'Milho'
	(203) subĩa'ki	'Redondo'
	(204) bakĩ	'Filho'
	(205) mã'ku	'Paca'
	(206) tẽ'ku	'Jacamim'
	(207) pã'šĩtšĩ'kõ	'Banana maçã'

Este segmento realiza-se em posições inicial e medial intervocálica, forma sílaba com todos os vocóides, exceto [ e ], [ ĩ ], [ ẽ ], [ ũ ].

C - V	(208) rãtuh'ku	'Joelho'
	(209) utuh'ku	'Tornozelo'
	(210) bituh'ku	'Punho'
	(211) puh'ku	'Aniquim'
	(212) uh'ka	'Cabeça'
	(213) pis'kã	'Marimbondo'
	(214) bas'kũ	'Seco'

Esta posição consonantal só pode ser ocupada pelos con-  
tôides fricativo glotal [ h ] e fricativo alveolar [ s ] surdos.

[ h ] Fricativo glotal surdo

# - V	(215) hãwmãw'ã	'Olaia grande'
	(216) ha'í	'Tamanduá bandeira'
	(217) hãw	'Peixe de água doce'
	(218) hu'ta	'Vovó'
	(219) hí'ta	'Dente'
	(220) hí'ki	'Milho'
V - V	(221) inãhãka'ra	'Víbora'
	(222) tã'hã	'Pulmão'
	(223) iũha'bu	'Velha'
	(224) u'hu	'Branco'
	(225) ku'hu	'Cujubim'
	(226) uhũ'de	'Lua'
	(227) pã'šihítaw'a	'Cachorra (peixe)'

Este segmento realiza-se em posições inicial e medial  
intervocálica, quando sucedido pelos vocóides [ a ], [ ã ], [ u ], [ ã ]  
[ í ], com os quais forma sílaba.

V - C	(228) dah'va	'Barriga'
	(229) bih'ku	'Traíra'
	(230) kũh'di	'Bigode'
	(231) puh'ku	'Aniquim'
V - #	(232) ha'uh	'Jaboti'

(233) ti'puh	'Jeju barriga preta'
(234) bɨ'tɨh	'Tripas'
(235) toh	'Ovo'

O segmento [ h ] funcionará como travamento silábico, quando antecedido pelos vocóides [ a ], [ ɨ ], [ u ], [ o ], [ ũ ].

### 1.1.2 Segmentos Vocálicos

A língua Poyanáwa apresenta seis segmentos vocálicos orais e três nasais.

QUADRO II - Realizações fonéticas vocálicas orais.

	ANTERIORES Não Arredondadas	CENTRAIS	POSTERIORES Arredondadas
Altas	i	ɨ	u
Médias	e		o
Baixas		a	

1.1.2.1 Inventário dos segmentos vocálicos orais em seus respectivos ambientes de ocorrência no corpus.

[ i ] Anterior alto não arredondado

# - C	(236) ikã'ba	'Verde'
	(237) ira'bu	'Homem'

# - V	(238) iasĩmã'sĩ	'Tamanduá'
	(239) iawi'š̃i	'Tatu bandeira'
C - C	(240) uã'tis	'Unha'
	(241) buš̃ihu'a	'Vovô'
C - #	(242) bã'ti	'Rabo'
	(243) ba'si	'Areia'

## [ e ] Anterior médio não arredondado

C - #	(244) bã'de	'marido'
	(245) ũhũ'de	'Lua'

## [ ĩ ] Central alto não arredondado

C - C	(246) hĩ'ta	'Dente'
	(247) bĩh'ku	'Traíra'
# - C	(248) ĩ'hĩ	'Semente'
	(249) ĩw'a	'Mãe'
C - #	(250) bĩw'ĩ	'Mambira'
	(251) š̃ã'tĩ	'Cairara'

## [ a ] Central baixo não arredondado

# - C	(252) aw'a	'Anta'
	(253) a'tu	'Bucho'

C - C	(254) ba'ri	'Cotia'
	(255) ta'ka	'Fígado'
C - #	(256) ãda'ka	'Aracoã'
	(257) ð'pa	'Pai'

## [ u ] Posterior alto arredondado

# - V	(258) ua'ka	'Água'
	(259) uã'tis	'Unha'
C - C	(260) ru'ka	'Paruaçu'
	(261) tu'ku	'Umbigo'
C - #	(262) mã'ku	'Paca'
	(263) kð'bu	'Jacu'

## [ o ] Posterior médio arredondado

C - { # C}	(264) ba'ho	'Mucura'
	(265) so'to	'Curto'

## QUADRO III - Realizações fonéticas vocálicas nasais.

	ANTERIOR Não Arredondadas	CENTRAL	POSTERIOR Arredondadas
Altas	ĩ		ũ
Baixas		ã	

1.1.2.2. Inventário dos segmentos vocálicos nasais em seus respectivos ambientes de ocorrência no corpus.

[ ĩ ] Anterior alto não arredondado

# - C	(266)	ĩ'du	'Onça'
	(267)	ĩ'bi	'Sangue'
# - V	(268)	ĩũ'šĩ	'Alma'
	(269)	ĩã'bi	'Machado'
C - C	(270)	pĩ'su	'Cintura'
	(271)	mĩ'mã	'Flecha'
C - #	(272)	mã'dĩ	'Folha'
	(273)	pã'šĩ	'Amarelo'

[ ã ] Central baixo não arredondado

# - C	(274)	ã'da	'Língua'
	(275)	ãw'ã	'Meu/minha'
C - C	(276)	rã'kĩ	'Nariz'
	(277)	šã'du	'Cobra venenosa'
C - #	(278)	puy'ã	'Braço'
	(279)	pis'kã	'Marimbondo'

[ ũ ] Posterior alto arredondado

# - C	(280)	ũ'di	'Gente'
	(281)	ũ'šĩ	'Fruta'

C - C	(282)	hũ'ba	'Seios'
	(283)	rũ'du	'Cobra grande'
C - #	(284)	tã'tũ	'Cangote'
	(285)	mã'hũ	'Chifre'

## 1.2 ACENTUAÇÃO

Um lingüista, ao contrário do que acontece com um falante nativo, precisa recorrer a vários processos para identificar os limites de uma palavra numa determinada língua.

Em um primeiro momento da análise ele determina se o enunciado, visto de um ponto de vista fonético e semântico, representa uma unidade significativa formal, uma palavra. Posteriormente observa o comportamento desta em relação às demais unidades significativas arroladas no corpus.

Para isto o lingüista observará se esta série fônica isolada anteriormente é passível de divisões, e se estas comprometem o significado atribuído à seqüência.

O analista ainda pode recorrer, na delimitação da palavra, a marcas de acentuação, estabelecendo o padrão de regularidade acentual, dando assim uma configuração fonológica sistemática ao enunciado.

Em Poyanáwa, a palavra pode ser definida como uma "forma livre mínima" (BLOOMFIELD, 1933: 178) marcada por uma acentuação fixa na última sílaba, que delimitará a fronteira morfológica com as demais.

Cada uma dessas formas tem por base apenas um semante-

ma, que é representado por uma raiz.

(286)	[hũ'bu]	'Fumo'
(287)	[ikutē'ba]	'Fogo'
(288)	[iã'bu]	'Noite'
(289)	[mã'sa]	'Bom'
(290)	[ũ'du]	'Caititu'
(291)	[mã'hũ]	'Chifre'
(292)	[šã'du]	'Cobra venenosa'
(293)	[tãka'ra]	'Galinha'
(294)	[ĩ'pa]	'Pai'
(295)	[ira'bu]	'Filho'

Entretanto, o corpus também apresenta palavras (segundo seu valor semântico interpretado pela tradução em Português) aparentemente compostas por duas raízes; nestas, o acento original de cada uma é mantido:

(296)	[tãka'ravu'du]	'Galo'
(297)	[iwĩ'dapuy'a]	'Pássaro'
(298)	['puybĩs'tĩ]	'Pena'
(299)	[ba'šibuh'nã]	'Poeira'

Acreditamos que esses são casos de duas palavras originalmente, que se cristalizaram diacronicamente e que, sincronicamente se apresentam indivisíveis, mas mantendo seu padrão acentual. Encontramos apenas um pequeno número desses casos. A indivisibilidade testada nos leva a interpretar o exemplo (296) acima como 'galinha macho' ou algo semelhante.



### 1.3 SÍLABA

A sílaba é um som ou um grupo de sons produzido por uma única emissão de ar. Mais explicitamente, cada pequena contração do diafragma força o fluxo de ar saído dos pulmões a percorrer a traquéia e a projetar-se no trato vocal. Cada um desses impulsos produz uma unidade de fala: a sílaba.

A sílaba é constituída por um núcleo obrigatório, seu ápice, geralmente um som vocálico ou som consonantal silábico e, com<sub>o</sub>ponentes opcionais, sons consonantais, que podem preceder ou suceder o núcleo.

As línguas do mundo apresentam padrões silábicos que são diferenciados pelo número de sons consonantais que participam da ascendência silábica - o que precede o ápice - ou do declínio - o que segue o ápice.

O padrão silábico mais natural nas línguas do mundo é o menos marcado, constituído por consoante e vogal (CV), a<sub>c</sub>live e ápi<sub>c</sub>e, respectivamente (SLOAT et al., 1978: 99-106).

#### 1.3.1 Padrões Silábicos do Poyanáwa

A língua Poyanáwa possui os seguintes tipos de sílabas:

CV

V

VC

CVC

Estes padrões podem ser resumidos assim:  $C_1VC_2$ , onde  $C_1$  é a ascendência silábica e  $C_2$  o declínio. Com relação à constituição interna do Poyanáwa, todos os sons vocálicos podem ocupar a po-

sição V. A posição  $C_1$  pode ser preenchida por qualquer som consonantal, o que não ocorre com a posição  $C_2$ , que é preenchida apenas pelos segmentos: fricativo glotal [ h ], fricativo alveolar surdo [ s ] e fricativo palatal surdo [ ʃ ], além dos semi-vocóides [ w ] e [ y ].

Quanto à sua distribuição os padrões não estão sujeitos a qualquer restrição: podem ocorrer em início, no meio e no término dos enunciados; ou ainda, precedendo ou sucedendo qualquer dos tipos apresentados:

## CV

(300)	ta.ka	'Fígado'
(301)	ba.ki	'Filho'
(302)	ba.ʃi	'Areia'
(303)	da.pu	'Tutano'
(304)	hũ.bu	'Fumo'
(305)	bã.ti	'Rabo'
(306)	ha.ka	'Casca'
(307)	tu.ku	'Umbigo'
(308)	rã.hũ	'Objeto velho'
(309)	ʃi.du	'Macaco prego'

## V

(310)	ũ.di	'Gente'
(311)	ĩ.pa	'Pai'
(312)	i.a	'Piolho'
(313)	i.su	'Macaco preto'
(314)	ku.i	'Queixo'
(315)	i.ã.bu	'Noite'
(316)	ĩ.bi	'Sangue'

(317) u.ĩ.ti	'Coração'
(318) diw.i	'Vento'
(319) ɓaw.a	'Papagaio'

## VC

(320) uy	'Chuva'
(321) uh.ka	'Cabeça'
(322) aw.a	'Anta'
(323) aw.ĩ	'Mulher'
(324) i.aw.i.ṣ̌i	'Tatu'
(325) ɓw.a	'Mãe'
(326) iw.i	'Árvore'
(327) ha.uh	'Jabuti'
(328) iṣ̌.bay.a	'Careca'
(329) u.ay	'Roçado'

## CVC

(330) nạ̃y	'Preguiça'
(331) ṣ̌iw	'Pium'
(332) ũ.tuh.ku	'Tornozelo'
(333) i.su.puy.ã.mãw.ã	'Caitiara'
(334) haw	'Osso'
(335) ɓay	'Caminho'
(336) dah.va	'Barriga'
(337) buṣ̌.ta	'Sujo'
(338) pis.kã	'Marimbondo'
(339) baṣ̌.ta	'Macaco barrigudo'

### 1.3.2 Ditongo

A distinção entre vogal e consoante é fundamental para a definição de semivogal. Isto porque a semivogal difere de ambas, têm traços distintivos menos vocálico e menos consonantal (CHOMSKY e HALLE, 1968: 302-303).

A vogal é um som produzido sem ponto de dois articuladores no trato vocal. A consoante, ao contrário, é produzida por um fechamento ou uma fricção em algum ponto do trato vocal, além do usado na produção de [ i ] ou [ u ] (SHANE, 1975: 40).

As semivogais são consoantes, do ponto-de-vista articulatorio, com características vocálicas, do ponto-de-vista acústico-perceptual. São produzidas com o corpo da língua em posição mais alta do que as vogais altas, portanto, mais próximas ao palato ou velum (SHANE, 1975: 39).

Na sílaba, a semivogal ocupa a posição de fronteira silábica, isto é, o aclave ou declive desta.

Um ditongo é a combinação de vogal com semivogal ou vice-versa.

Em Poyanáwa, existem duas semivogais: a bilabial [ w ] e a palatal [ y ] que ocorrem sempre depois do vocóide, no travamento silábico.

Para resolver se estes segmentos são funcionalmente vogais ou consoantes tivemos que observar a fronteira silábica. Em alguns casos foi difícil definir precisamente a fronteira entre uma e outra sílaba, especialmente quando os segmentos em análise se encontram no meio do enunciado, como por exemplo em: (a) [i#w'a] - (velho); (b) [aw'a] - (anta); (c) [isupuyãw'ã] - (caitiara). Para de

cidir sobre estas e outras fronteiras, recorreremos a dois critérios:

(1) a acentuação (cf. pág. 47) observada em (a) e (b), revela um segmento semivocóide sucedendo o vocóide, caracterizando assim um ditongo decrescente;

(2) a pronúncia silabada, por parte dos informantes, indicava exatamente a fronteira fonética entre uma sílaba e outra, o que definiu, pela pronúncia, o ponto de maior intensidade articulatória, como em (c): [i.su.puy.ã.mãw.ã].

Não há restrições quanto à ocorrência de vocóides orais ou nasais precedendo estes segmentos, que passaremos a chamar de semivogais. E não existe nenhum encontro de vocóides da mesma altura que demonstrem oposição caracterizando a presença de duração através de vocóides longos, isto é, não foram detectadas ocorrências como [uw], [wu], [ɨy], [yɨ], [iy], [yi]. Por isso, passamos a interpretar esses fenômenos como ditongos decrescentes.

## QUADRO IV - Ditongos (decrecentes).

	w	y
a {~} ã	haw 'Osso' aw.a 'Anta' ãw.ã 'Meu' i.aw.i.ṣ̌i 'Tatu'	kay.a 'Reto' mãy 'Carã (peixe)' tšay.pa 'Comprido' u.ay 'Roçado'
i	miw.ã 'Tua' iw.ra.ku.ĩ 'Corpo humano' iw.i 'Árvore' ṣ̌iw 'Pium'	
ĩ	ĩw.ĩ 'Casa' ĩw.ã 'Eu' dĩw 'Barro' dĩw.i 'Vento'	
u		suy.ka 'Inchado' uy 'Chuva' puy.a.bu 'Pássaro' puy.biṣ̌.tĩ 'Pena'

Por este quadro podemos constatar as não - ocorrências mencionadas anteriormente.



RAILDA MANAITÃ,  
que pacientemente me ensinou os primeiros sons e  
palavras da língua.

CAPÍTULO II  
ESTUDO FONOLÓGICO: FONEMAS

2.1 FONEMAS SEGMENTAIS

2.1.1 Consoantes

Faremos aqui a demonstração do resultado da análise que evidencia ou não a oposição entre sons consonantais semelhantes.

O fone oclusivo bilabial surdo [ p ] opõe-se ao oclusivo bilabial sonoro [ b ] constituindo-se em dois fonemas: /p/ e /b/.

Exemplos:

(340)	['puy]	/puy/	'Pena'
	['buy]	/buy/	'Boi'
(341)	[nã'pi]	/dãpi/	'Ânus'
	[nã'bi]	/dãbi/	'Carne'
(342)	[p̣ituh'ku]	/p̣ituhku/	'Carrapato'
	[ḅituh'ku]	/ḅituhku/	'Punho'

O fone oclusivo alveolar surdo opõe-se ao sonoro, constituindo-se nos fonemas /t/ e /d/.

Exemplos:

(343)	[ta'ʃi]	/taʃi/	'Vermelho'
	[da'ʃi]	/daʃi/	'Banho'
(344)	[du'ku]	/duku/	'Nós'
	[tu'ku]	/tuku/	'Umbigo'



(345)	[hã'di]	/hãdi/	'Banha'
	[da'ti]	/dati/	'Tia'

O segmento oclusivo bilabial sonoro [ b ] e o fricativo bilabial sonoro [ ɸ ] estão em oposição, constituindo-se, portanto, nos fonemas /b/ e /ɸ/.

Exemplos:

(346)	[ba'ri]	/bari/	'Cotia'
	[ɸa'ri]	/ɸari/	'Sol'
(347)	[ba'hu]	/bahu/	'Mucura'
	[ɸã'hũ]	/ɸãhũ/	'Cotovelo'
(348)	['bay]	/bay/	'Terra'
	[ɸ'bay]	/ɸbay/	'Caminho'

Os fones oclusivo bilabial sonoro [ b ] e nasal bilabial [ m ] são alofones do fonema /b/. [ b ] ocorre em início de sílaba, sempre seguido por vogal oral e [ m ] em início de sílaba, sempre seguido de vogal nasal.

Exemplos:

(349)	[mã'hũ]	/bãhũ/	'Chifre'
	[ba'hu]	/bahu/	'Rapaz'
(350)	[mã'kã]	/bãkã/	'Mão'
	[ba'ka]	/baka/	'Rato'
(351)	[mã'sa]	/bãsa/	'Bom/bem'
	[ba'ri]	/bari/	'Cotia'

A escolha do fonema /b/ deve-se à condição de maior na-

turalidade de [ b ], uma vez que [ m ] depende de vogal nasal.

O fone oclusivo bilabial sonoro [ b ] opõe-se ao semi-vocóide [ w ], como mostram as oposições nos ambientes análogos, formando os fonemas /b/ e /w/.

Exemplos:

(352)	[iw'i]	/iwi/	'Árvore'
	[nã'bi]	/dãbi/	'Carne'
(353)	[ikutẽ'ba]	/ikutĩba/	'Fogo'
	[daw'a]	/dawa/	'Civilizado'
(354)	[hũ'ba]	/hũba/	'Seios'
	[iw'a]	/iwa/	'Mãe'

O fone fricativo lábio-dental sonoro [ v ] ocorre no mesmo ambiente do [ b ], fricativo bilabial sonoro, sem mudança do significado da palavra; eles estão, portanto, em flutuação.

Exemplos:

(355)	[vuh]	/vuh/	'Cabelo'
	[buh]	/buh/	'Cabelo'
(356)	[dayvuh'nã]	/dayvuhdã/	'Nuvem'
	[daybuh'nã]	/daybuhdã/	'Nuvem'

Estes dois fones constituem-se no fonema /b/. Embora [ v ] seja o elemento menos marcado dos dois segmentos, [ b ] ocorre muito mais freqüentemente no corpus e portanto foi o fone escolhido para representar o fonema.

Os segmentos oclusivo bilabial sonoro e alveolar sono-

ro, [ b ] e [ d ], respectivamente, estão em oposição, constituindo-se em fonemas: /b/ e /d/.

Exemplos:

(357)	[baw'a]	/bawa/	'Papagaio'
	[daw'a]	/dawa/	'Civilizado'
(358)	[ba'pu]	/bapu/	'Panela'
	[da'pu]	/dapu/	'Tutano'
(359)	[ba'ka]	/baka/	'Rato'
	[da'ka]	/daka/	'Arara'
(360)	[ba'š̥i]	/baš̥i/	'Areia'
	[da'š̥i]	/daš̥i/	'Banho'

O fone oclusivo velar surdo [ k ], não é foneticamente semelhante aos outros, mas, em virtude da descrição feita com os demais, faremos o cotejo dele com o fone fricativo glotal surdo [ h ], o fone de articulação mais próxima, e que co-ocorre com ele em ambientes análogos.

Exemplos:

(361)	[mã'ku]	/bāku/	'Paca'
	[mã'hũ]	/bāhũ/	'Chifre'
(362)	[tã'hã]	/tāhã/	'Pulmão'
	[ta'ka]	/taka/	'Fígado'
(363)	[k̥i'ha]	/k̥iha/	'Boca'
	[h̥i'ta]	/h̥i'ta/	'Dente'

Esta análise leva-nos a interpretá-los como os fonemas

distintos /k/ e /h/.

O fone fricativo alveolar surdo [ s ] opõe-se ao fricativo palatal surdo [ š ], constituindo-se nos fonemas /s/ e /š/.

Exemplos:

(364)	[bũ'sĩ]	/bũsĩ/	'Lontra'
	[iũ'šĩ]	/iũšĩ/	'Alma'
(365)	[i'sa]	/isa/	'Quandu'
	[bu'ša]	/buša/	'Estrela'
(366)	[sibakāw'ã]	/sibakāwã/	'Poraquê'
	[š'i'pi]	/šipi/	'Macaco soim'

O fone fricativo alveolar surdo [ s ] opõe-se ao africado alveolar surdo [ ts ], constituindo-se portanto, nos fonemas /s/ e /tʃ/.

Exemplos:

(367)	[uã'sa]	/uãsa/	'Macaco Chei- ro'
	[a'tsa]	/aʧa/	'Mandioca'
(368)	[sã'kĩ]	/sãkĩ/	'Rã'
	[tsã'kātšĩ'kũ]	/ʧãkãčĩkũ/	'Banana Gran- de'
(369)	[iu'si]	/iusi/	'Gordo'
	[ba'tsi]	/baʧi/	'Frio'

O segmento fricativo palatal surdo [ š ] opõe-se ao segmento africado palatal surdo [ tš ], constituindo-se nos fonemas

/š/ e /č/.

Exemplos:

(370)	[ta'tša]	/tača/	'Raiz'
	[bu'ša]	/buša/	'Molhado'
(371)	[tša'hu]	/čahu/	'Veado'
	[ša'ši]	/šaši/	'Folha de cana- raí'

O segmento africado alveolar surdo [ ts ] está em oposição ao segmento africado palatal surdo [ tš ], constituindo-se nos fonemas /ç/ e /č/.

Exemplos:	(372)	[a'tsa]	/aça/	'Mandioca'
		[ta'tša]	/tača/	'Raízes'
	(373)	[tsã'kã]	/čãkã/	'Cotiara'
		[tša'hu]	/čahu/	'Veado'

O segmento oclusivo alveolar surdo [ t ] encontra-se em oposição ao segmento africado palatal surdo [ tš ], constituindo-se nos fonemas /t/ e /č/.

Exemplos:

(374)	[tu'ku]	/tuku/	'Umbigo'
	[tšu'ku]	/čuku/	'Flor'
(375)	[tay]	/tay/	'Pé'
	[tšay'pa]	/čaypa/	'Grande'
(376)	[tãka'ra]	/tākara/	'Galinha'
	[tšātū'ba]	/čātūba/	'Aleijado'

Os fones oclusivo alveolar sonoro [ d ] e o nasal alveolar [ n ] são alofones do fonema /d/. [ d ] ocorre em início de sílaba sempre seguido de vogal oral e [ n ], em início de sílaba sempre seguido por vogal nasal.

Exemplos:

(377)	[šã'du]	/šãdu/	'Cobra venenosa'
	[nũ'nũ]	/dũdũ/	'Pato'
(378)	[da'pu]	/dapu/	'Panela'
	[nã'pi]	/dãpi/	'Ânus'
(379)	[daybuh'nã]	/daybuhdã/	'Nuvem'
	['nãy]	/dãy/	'Cara (peixe)'

O fonema /d/ foi escolhido para representar essas realizações porque o condicionamento ambiental de [ n ] é mais restrito do que o de [ d ]. As vogais nasais, que condicionam a realização de [ n ], são mais marcadas nas línguas do mundo e as orais, são, portanto, mais naturais (SLOAT et al., 1978: 92-93).

O semi-vocóide palatal [ y ], assim como a vibrante [ r ] não apresentam semelhança com os demais segmentos encontrados no corpus e, portanto, são interpretados como os fonemas /y/ e /r/ (KINDELL, 1977).

Não foi apresentada aqui a oposição entre os segmentos semelhantes [ t ] e [ ts ], pois, como ficou demonstrado, [ t ] se opõe a [ s ] e [ s ] a [ ts ]. Por dedução lógica, [ t ] também se opõe a [ ts ]. Pelo mesmo motivo não cotejamos os pares [ b ], [ m ] e [ b ], [ w ].

A diferença dos símbolos usados nas transcrições fonéti

ca e fonêmica para as africadas deve-se a que, uma vez analisados os segmentos, um símbolo representa univocamente um fonema.

Chegamos assim, ao quadro fonêmico desses segmentos:

QUADRO V - Fonemas consonantais do Poyanáwa.

MODOS DE ARTICULAÇÃO	Participação das cordas vocais	PONTOS DE ARTICULAÇÃO				
		Bilabial	Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusivos	Su	p	t		k	
	So	b	d			
Fricativos	Su		s	ʃ		h
	So	β				
Africados			tʃ	ʃt		
Vibrantes			r			
Semi-vogais		w		y		



2.1.2 Vogais

## ORAIS

O segmento anterior alto [ i ] opõe-se ao segmento central alto não-arredondado [ ɨ ], constituindo-se assim em dois fonemas: /i/ e /ɨ/.

Exemplos:

(380)	[iw'i]	/iwi/	'Árvore'
	[ɨw'ɨ]	/ɨwɨ/	'Casa'
(381)	[ba'kɨ]	/bakɨ/	'Rapaz'
	[hɨ'ki]	/hɨki/	'Milho'
(382)	[hu'kɨ]	/hukɨ/	'Tucano'
	[hɨ'ki]	/hɨki/	'Milho'
(383)	[ɨ'a]	/ɨa/	'Eu'
	[i'a]	/ia/	'Piolho'

O segmento central alto não-arredondado [ ɨ ] opõe-se ao posterior alto arredondado [ u ], constituindo-se em dois fonemas: /ɨ/ e /u/.

Exemplos:

(384)	[hu'ta]	/huta/	'Vovô'
	[hɨ'ta]	/hɨta/	'Dente'
(385)	[tu'ku]	/tuku/	'Umbigo'
	[tɨ'hu]	/tɨhu/	'Cangote'
(386)	[butuy'a]	/butuya/	'Macaco da noite'

[bɨ'tih]                    /bɨtih/                    'Tripas'

O segmento anterior alto não-arredondado [ i ] opõe-se ao posterior alto arredondado [ u ], constituindo-se nos fonemas /i/ e /u/.

Exemplos:

(387)	[pu'ti]	/puti/	'Costas'
	[pi'ʃi]	/piʃi/	'Costelas'
(388)	[ũ'di]	/ũdi/	'Gente'
	[ũ'du]	/ũdu/	'Caititu'
(389)	[ba'si]	/basi/	'Frio'
	[bu'su]	/busu/	'Cego'

O segmento posterior médio arredondado [ o ] encontra-se em flutuação com posterior alto arredondado [ u ].

Exemplos:

(390)	[so'tu]	/sutu/	'Curto'
	[su'tu]	/sutu/	'Curto'
(391)	[ba'ho]	/bahu/	'Mucura'
	[ba'hu]	/bahu/	'Mucura'

Para representar essas realizações, escolhemos o fonema /u/, por ser mais natural e por ter distribuição mais ampla no corpus levantado.

O segmento central baixo [ a ] não é foneticamente semelhante aos demais. Pode, portanto, ser interpretado como o fonema /a/ (KINDELL, 1977).

O vocóide anterior médio não-arredondado [ e ] ocorre a penas em posição tônica antecedido por /t/ e /d/. Registramos três ocorrências fonéticas deste vocóide em ambiente bastante restrito. Durante a análise, detectamos uma flutuação entre [ e ] e [ i ], conforme o exemplo:

(392)	[ku'te]	'Coco'
	[ku'ti]	'Coco'

Isto nos leva a deduzir que [ e ] flutua com [ i ], em ambiente de sílaba tônica antecedido pela oclusiva alveolar /t/ ou sonora /d/. Optamos, para representar essa realização, pela vogal anterior alta /i/, por ser a menos marcada e, portanto, mais natural.

#### NASAIS

O segmento anterior alto não-arredondado [ ĩ ] opõe-se ao segmento posterior alto arredondado [ ũ ], constituindo-se em dois fonemas: /ĩ/ e /ũ/.

Exemplos:

(393)	[ĩ'du]	/ĩdu/	'Onça'
	[ũ'di]	/ũdi/	'Gente'
(394)	[pĩ'tsu]	/pĩt̪su/	'Cintura'
	[pũ'su]	/pũsu/	'Bentinha'
(395)	[nĩ'du]	/dĩdu/	'Aqui'
	[nũ'bi]	/dũbi/	'Mão-esquerda'

Não existe semelhança fonética entre o segmento central baixo não-arredondado [ ã ] com os demais segmentos, podendo aquele ser considerado fonema /ã/.

## DEMONSTRAÇÃO DA OPOSIÇÃO ENTRE VOGAIS ORAIS E NASAIS

Faremos aqui a demonstração do resultado da análise que evidencia ou não a oposição entre as vogais orais e nasais.

O segmento central baixo oral [ a ] opõe-se ao central baixo nasal [ ã ], constituindo-se nos fonemas /a/ e /ã/.

Exemplos:

(396)	[ta'ka]	/taka/	'Fígado'
	[ta'kã]	/takã/	'Movimento da cabeça'
(397)	[haw]	/haw/	'Osso'
	[hãw]	/hãw/	'Peixe de água doce'
(398)	[iw'a]	/iwa/	'Mãe'
	[iw'ã]	/iwã/	'Meu/minha'
(399)	[pis'ka]	/piska/	'Cobra cipó'
	[pis'kã]	/piskã/	'Marimbondo'

O segmento anterior alto oral [ i ] opõe-se ao anterior alto nasal [ ã ], constituindo-se nos fonemas /i/ e /ĩ/.

Exemplos:

(400)	[pi'tsu]	/piçu/	'Periquito'
	[pĩ'tsu]	/pĩçu/	'Cintura'
(401)	['bi]	/bi/	'Carapanã'
	['bĩ]	/bĩ/	'Vela'
(402)	[i'su]	/isu/	'Macaco preto'
	[ĩ'su]	/ĩsũ/	'Urina'

O segmento posterior alto oral [ u ] opõe-se ao posterior alto nasal [ ã ], constituindo-se nos fonemas /u/ e /ũ/.

Exemplos:

(403)	[ku'ĩ]	/kuĩ/	'Partícula enfática'
	[kũ'ĩ]	/kũĩ/	'Fumaça'
(404)	[ba'hu]	/bahu/	'Mucura'
	[rã'hũ]	/rãhũ/	'Objeto velho'
(405)	[pu'ti]	/puti/	'Costas'
	[pũ'du]	/pũdu/	'Veias'

QUADRO VI - Fonemas vocálicos: orais

	Anteriores Não arredondadas	Centrais	Posteriores Arredondadas
Altas	i	ɨ	u
Baixas		a	

QUADRO VII - Fonemas vocálicos: nasais

	Anteriores Não arredondadas	Centrais	Posteriores Arredondadas
Altas	ĩ		ũ
Baixas		ã	

A língua Poyanáwa tem, portanto, vinte e um fonemas segmentais: quatorze consoantes e sete vogais, desta sete, quatro são orais e três nasais.

## 2.2 ACENTO DE INTENSIDADE

O suprasegmento acento de intensidade, como ficou demonstrado, é predizível em Poyanáwa: ocorre na última sílaba do enunciado. A nível lexical o segmento não apresenta oposição. Trata-se de uma realização fonética, não se constituindo, portanto, em um fonema da língua.



MARGARIDA VASKIRI e sua neta.



ANTIMÃ, filho de VUVAKĀV, líder da resistência ao contato com a sociedade nacional.



MÁRIO CARNEIRO, líder Poyanāwa.

## CAPÍTULO III

### M O R F O L O G I A

A gramática de uma língua possui vários aspectos interdependentes. O estudo fonológico, por mais aprofundado que seja, pouco pode indicar a respeito do significado das palavras, já que por si só os fonemas não estabelecem a relação entre o significante e o significado.

Cada seqüência sonora significativa ajudará no intercâmbio entre falante e ouvinte, que vai se processando numa cadeia de combinações, fundamentada no morfema. Este não é necessariamente uma palavra (CHAO, 1977: 47), mas é a menor unidade gramaticalmente pertinente ou, ainda, uma unidade significativa mínima da estrutura lingüística (GLEASON, 1985: 56-57).

O morfema é, portanto, uma forma mínima (BLOOMFIELD, 1933: 178) e a base dos estudos morfológicos.

Os morfemas podem se agrupar em classes, podendo ter distribuição específica em cada uma delas. São comumente classificados em formas livres e presas. No primeiro caso, são morfemas que podem ser realizados isoladamente e, no segundo, são formas que só ocorrem juntas a outros morfemas.

MATTOSO CÂMARA JÚNIOR (1980: 88) propõe uma terceira forma, chamada de dependente, "que nunca aparece isolada, mas pode aparecer ligada a outra forma que não é aquela que a condiciona". Outras formas aparecem livremente intercaladas entre a forma dependente e a sua condicionante.

Quanto ao conteúdo semântico, os morfemas se dividem em categorias nocionais, ou semantemas, e de relação, morfemas presos ou dependentes. As categorias nocionais se apresentam como conceitos de conteúdo material, que remetem ao mundo real e são resulta-



dos da significação das raízes vocabulares expressas pelo semantema. As categorias relacionais têm como fundamento a ordenação e valorização dos elementos frásicos, e são utilizados para indicar a relação entre os constituintes da frase.

Como unidade lingüística, o morfema pode ser estabelecido através de critérios fonológicos, gramaticais (morfológicos e sintáticos) e semânticos. De acordo com as semelhanças formais entre eles, podem ser agrupados em classes de palavras, podendo ser flexionais ou não.

Além dos critérios já citados, os morfemas podem distinguir-se uns dos outros pelo caráter nocional, que complementa uma análise estruturalista formal; no caso da língua em foco para classificar os nomes, verbos, pronomes.

Em Poyanáwa, a palavra será delimitada pelo acento de intensidade, que sempre recai na última sílaba. A palavra pode ter de uma a muitas sílabas e é formada geralmente por um radical que pode ser acrescido de morfemas, geralmente pospostos; ou por dois ou mais radicais, através do processo de justaposição.

Doravante, passaremos a usar transcrição fonêmica na exemplificação dos dados.

### 3.1 NOMES

O nome em Poyanáwa é um morfema livre, portanto invariável.

(406) /k <sup>h</sup> ha/	'Boca'
(407) /bay/	'Terra'
(408) /b <sup>i</sup> iru/	'Olho'

(409) /iwi/	'Casa'
(410) /puy/	'Pena'
(411) /pāšī/	'Amarelo'
(412) /bāsa/	'Bom/bem'
(413) /čaypa/	'Comprido'
(414) /ikāba/	'Verde'
(415) /rāhā/	'Velho'

O nome pode ser dividido em substantivos e adjetivos.

Os substantivos, sob o ponto de vista nocional, definem-se como palavras que designam os seres animados e o que a gramática reagrupou como coisas, "a saber os objetos, sentimentos, qualidades, os fenômenos, etc." (DUBOIS et al., 1985: 569). Os adjetivos são palavras que se unem ao substantivo para lhes atribuir uma qualidade ou alguma noção designada por este substantivo.

### 3.1.1 Substantivo

O substantivo pode ser formado por uma única raiz

(416) /tay/	'Pé'
(417) /pabīki/	'Orelha'
(418) /tākara/	'Galinha'
(419) /haw/	'Osso'
(420) /biru/	'Olho'

ou por duas ou mais raízes, através do processo de justaposição.

(421) /tay čīpu/
"pé"    "?"
'Calcanhar'

- (422) /paḃiki hui/  
 "orelha" "?"  
 'Ouvido'
- (423) /tākara bũdu/  
 "galinha" "?"  
 'Galo'
- (424) /kati haw/  
 "?" "osso"  
 'Coluna vertebral'
- (425) /ḃiru ihi/  
 "olho" "?"  
 'Pupilas dos olhos'

3.1.2 Adjetivo

O adjetivo é um morfema livre, formado por uma única raiz.

- (426) /taši/ 'Vermelho'
- (427) /hukũba/ 'Grande'
- (428) /iruišta/ 'Pequeno'
- (429) /uhu/ 'Branco'
- (430) /irũba/ 'Mau/ruim'

3.1.3 Posição dos nomes

O substantivo antepõe-se ao adjetivo, em todos os contextos.

- (431) /bakitua usĩ/  
 "fruta" "madura"  
 'Fruta madura'
- (432) /iwi ikāba/  
 "árvore" "verde"  
 'Árvore verde'
- (433) /tākūti irūba/  
 "arco" "ruim"  
 'Arco ruim'
- (434) /uaka iruišta/  
 "rio" "estreito"  
 'Rio estreito'
- (435) /hikĩ pāšĩ/  
 "milho" "amarelo"  
 'Milho amarelo'

### 3.2 MORFEMA "KUĪSI"

O morfema Kuĩsi, que ocorre em muitos enunciados, segue o adjetivo.

- (436) /ũhũdi hukūba kuĩsi/  
 "lua" "grande" "?"  
 'A lua é muito grande'
- (437) /iwĩ rāhã kuĩsi/  
 "casa" "velha" "?"  
 'A casa é muito velha'

- (438) /bībā kaya kuīsi/  
 "flecha" "reta" "?"  
 'A flecha é muito reta'
- (439) /ībi taši kuīsi/  
 "sangue" "vermelho" "?"  
 'O sangue é vermelho demais'
- (440) /rākī suyka kuīsi/  
 "nariz" "inchado" "?"  
 'O nariz está inchado demais'

Analisando mais profundamente, chegamos à conclusão que o morfema Kuīsi funciona como partícula enfática. Esta análise parece ser mais coerente, visto que o morfema, além de ocorrer em frases nominais, realiza-se também em frases verbais:

- (441) /bakihūtukuku kiwa bāsa kuīsi/  
 "moça" "cantar" "bem" "enf"  
 'A moça canta muito bem'
- (442) /āda hūtuku buči ba kuīsi/  
 "ele" "moça" "gostar" "?" "enf"  
 'Ele gosta da moça mesmo'
- (443) /atu bāda i kuīsi/  
 "eles" "falar" "?" "enf"  
 'Eles falam muito'
- (444) /šīriā bāsa kuīsi atu/  
 "cantar" "bem" "enf" "sempre(?)"  
 'Ela sempre canta muito bem'

O morfema Kuĩsi realiza-se também como "kuĩ", ocasionando uma alomorfia de ocorrência livre em contextos com estruturas semelhantes, isto é, de frases nominais e verbais:

(445) /ãda kiwa bāsa kuĩ/  
 "ela" "cantar" "bem" "enf"  
 'Ela canta muito bem'

(446) /haka bāyũ kuĩ/  
 "casca" "lisa" "enf"  
 'A casca é muito lisa'

(447) /bahũ hũtuku tibaši kuĩ šida/  
 "rapaz" "moça" "gostar(?)" "enf" "?"  
 'O rapaz gostava mesmo da moça'

(448) /bĩ bāsa kuĩ/  
 "tu" "bom" "enf"  
 'Você é bom mesmo'

(449) /buy iusi kuĩ/  
 "boi" "brabo" "enf"  
 'O boi é mesmo brabo'

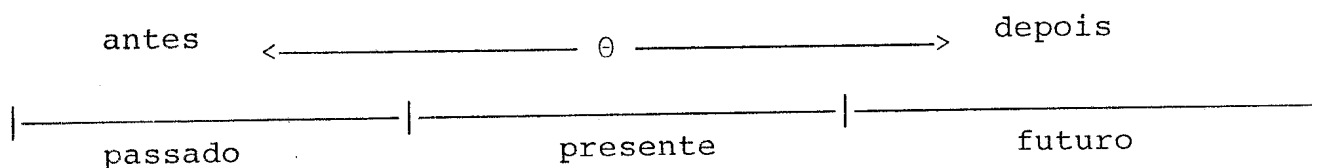
### 3.3 VERBO

O verbo, na estrutura lingüística, pode ser deduzido por suas características dinâmicas. Isto é, enquanto o nome apresenta-se sob um ponto-de-vista "estático", o verbo se refere a um "processo" (MATTOSO CÂMARA JÚNIOR, 1980: 151).

O verbo é constituído de um radical que pode ser acrescentado, opcionalmente, de flexões. E admite modificações que incluem tempo, modo e aspecto.

A categoria tempo se refere ao momento em que a ação se realiza, pode ser considerada como real ou relativa. O tempo da ocorrência é sempre tomado em relação ao momento em que se fala. Marcel COHEN (Apud MATTOSO CÂMARA JÚNIOR, 1980: 140) diz que a noção temporal é subjetiva, pois o falante concebe uma linha temporal abstrata e nela traça divisões dos fatos em relação a si mesmo.

As diferenças da categoria tempo incluem:



As divisões passado e futuro comportam especificações como: recente (próximo), distante (conhecido ou não) e remoto.

A categoria modo se refere à atitude psicológica do falante em relação ao evento. Incluem-se no modo diferenciações como modalidade: indicativa, interrogativa, imperativa e subjuntiva; e o valor da informação que pode ser deduzida, citada, presenciada ou ainda atitudes de certeza, dúvida, probabilidade, etc..

A categoria aspecto se reflete mais em função da qualidade ou do tipo de ação realizada do que ao tempo, tido como presente, passado e futuro, propriamente ditos. Embora possamos dizer que as formas verbais estruturadas em função do tempo contenham em si noções aspectuais. Esquemáticamente, o aspecto pode se distinguir através dos critérios de fase, duração, frequência e efeitos.

Quanto à transitividade os verbos distinguem-se em transitivos, quando possibilitam a presença de um nome que exerce a função de complemento; e intransitivos, quando o verbo não tem um nome como complemento.

Em Poyanáwa, o verbo é constituído por uma raiz, que po de ser acrescida de partículas ou não.

- (450) /tapi/  
'Ouvir'
- (451) /kɨwi/  
'Cantar'
- (452) /bãda/  
'Falar'
- (453) /bãda kãdi/  
'Falar' '?'
- (454) /kuku bisi/  
'Chupar' '?'
- (455) /kuša/  
'Matar'
- (456) /kuša pawti/  
'Matar' '?'

Há raízes transitivas:

- (457) /ãda aça pi ki/  
"ela" "mandioca" "comer" "?"  
'Ela come mandioca'
- (458) /ãda kapi kuša/  
"ele" "jacaré" "matar"  
'Ele mata jacaré'



- (459) /ãda dābi pī bisi ki/  
 "ele" "carne" "comer" "?" "?"  
 'Ele come carne'

e raízes intransitivas:

- (460) /iubã ua kãdi/  
 "peixe" "nadar" "?"  
 'O peixe está nadando'
- (461) /bãdi uaka bãdu dũdua/  
 "folha" "água" "boiar" "?"  
 'A folha boia na água'
- (462) /a bay ruhka kīdia/  
 "ele" "caminho" "andar" "?"  
 'Ele anda no caminho'

### 3.3.1 Morfologia da Palavra Verbal

A palavra verbal é constituída por uma raiz, morfema li vre, que pode ser seguida por marcadores que indicam aspecto, tempo e modo.

$$R + M_1 + M_2 + M_3$$

Sendo:

- R = Morfema livre  
 M<sub>1</sub> = Marcador aspectual  
 M<sub>2</sub> = Marcador temporal  
 M<sub>3</sub> = Marcador modal

Os marcadores M<sub>1</sub>, M<sub>2</sub> e M<sub>3</sub> têm posição fixa na palavra

verbal e são expressos por partículas não obrigatórias, que podem o correr simultaneamente ou não.

O comportamento desses marcadores nos leva a pensar que alguns deles possuem função cumulativa, ou seja, podem assumir contextualmente noções temporais e aspectuais.

### 3.3.1.1 Marcador temporal

Este marcador se expressa por uma partícula que se põe à raiz verbal após o marcador aspectual:

$$R + (M_1 + ) M_2$$

Onde,  $M_2$  será:

PAWTI = passado I

ŠIDA = passado II

BISI = presente

O passado I tem o marcador PAWTI, que se refere a fatos ocorridos há alguns anos, sem uma marca temporal precisa, o que corresponde ao imperfeito.

(463) /ãda kapî kuša pawti/  
 "ele" "jacaré" "matar" "pas.I"  
 'Ele matava jacaré'

(464) /iraba awĩbu čuku idã pawti/  
 "homem" "mulher" "flor" "?" "pas.I"  
 'O homem dava flores à mulher'

(465) /ãdã aribi iūdabupuyabu ida kuĩ pawti/  
 "ele" "?" "pássaro" "ter" "enf" "pas.I"  
 'Ele tinha um pássaro'

O passado II, marcado pela partícula ŠĪDA, se refere a fatos ocorridos recentemente e em tempo conhecido pelo falante.

- (466) /ãda tākūti haki šīda/  
 "ele" "arco" "esfregar" "pas.II"  
 'Ele esfregou o arco.'
- (467) /ãda ru puta šīda/  
 "ele" "pedra" "jogar" "pas.II"  
 'Ele jogou pedra'
- (468) /dū ribi ru puta paku šīda/  
 "nós" "?" "pedra" "jogar" "?" "pas.II"  
 'Nós jogamos pedra'
- (469) /ida ia puyabu kuī šīda/  
 "eu" "eu" "pássaro" "enf" "pas.II"  
 'Eu tive um pássaro'
- (470) /ãda šaw pī šīda ki/  
 "ele" "sal" "comer" "pas.II" "Af"  
 'Ele comeu sal'
- (471) /ãda awa kuša šīda/  
 "ele" "anta" "matar" "pas.II"  
 'Ele matou uma anta'
- (472) /ãda kapi kuša šīda ki/  
 "ele" "jacaré" "matar" "pas.II" "?"  
 'Ele matou um jacaré'
- (473) /bī ribi iūdapuya šīda bā/  
 "tu" "?" "pássaro" "pas.II" "?"  
 'Tu tinhas um pássaro?'

A partícula BISI marca o presente.

(474) /ãda dãbi pĩ bisi ki/  
 "ele" "carne" "comer" "pres." "?"  
 'Ele come carne'

(475) /ãda hitã bisi/  
 "ele" "cheirar" "pres."  
 'Ele cheira'

(476) /dũ huã bisi/  
 "nós" "soprar" "pres."  
 'Nós sopramos'

(477) /ãdã dãsa bisi/  
 "ele" "morde" "pres."  
 'Ele morde'

Estas partículas apresentam caráter nitidamente temporal, o que não impede que possam apresentar noções aspectuais.

### 3.3.1.2 Marcador aspectual

O marcador aspectual posiciona-se logo após a raiz verbal e é expresso por uma partícula.

O marcador aspectual KAY é usado para indicar uma ação incompleta, que tanto pode projetar-se no futuro como pode indicar que a ação ainda se desenvolve no presente.

(478) /ãdã kapĩ kuša kay/  
 "ele" "jacaré" "matar" "A.I."  
 'Ele ainda vai matar jacaré'

(479) /adã rūdu kušu kay ki/  
 "ele" "cobra" "matar" "A.I." "?"  
 'Ele vai matar a cobra'

(480) /iwi kua kay/  
 "árvore" "queimar" "A.I."  
 'A árvore está queimando'

O marcador aspectual A é usado para marcar uma ação completa, finalizada. Refere-se a uma ação realizada há pouco tempo.

(481) /ãda ikutiba hiki a ki/  
 "ela" "fogo" "acender" "A.C." "?"  
 'Ela acendeu o fogo'

(482) /ãda atuh burutu a/  
 "ele" "eles" "bater" "A.C."  
 'Ele bateu nos outros'

(483) /ãda pabiki du a/  
 "ele" "orelha" "furar" "A.C."  
 'Ele furou a orelha'

(484) /A iwi badaki a/  
 "ele" "casa" "entrar" "A.C."  
 'Ele acabou de entrar em casa'

O marcador aspectual KĀDI indica que a ação foi iniciada, mas que, ao momento da enunciação, ainda não foi finalizada, resultando assim em uma ação em curso.

(485) /iubã ua kãdi/  
 "peixe" "nadar" "AnF"  
 ' O peixe está nadando'

(486) /dũ      bāda      kādi/  
 "nós"      "falar"      "AnF"  
 'Nós estamos falando'

(487) /iwĩdapuyabu      iūda      kādi/  
 "pássaro"      "voar"      "AnF"  
 'Os pássaros estão voando'

### 3.3.1.3 Marcador modal

O marcador modal reflete a atitude do falante em relação ao conteúdo factual do enunciado. Esta relação se expressa por assertivas afirmativas, negativas ou interrogativas. Posicionalmente, o marcador modal ocorre após o marcador aspectual ou temporal.

O marcador modal KI expressa uma assertiva afirmativa, uma declaração completa.

(488) /āda      dābi      pī      bisi      ki/  
 "ele"      "carne"      "comer"      "pres"      "Af"  
 'Ele come carne'

(489) /āda      kapī      kuša      šīda      ki/  
 "ele"      "jacaré"      "matar"      "pas.II"      "Af"  
 'Ele matou um jacaré'

(490) /dīwā      huā      ki/  
 "vento"      "soprar"      "Af"  
 'O vento está soprando'

(491) /āda      šaw      tihu      dābi      pi      bisi      ki/  
 "ele"      "sal"      "pescoço"      "carne"      "comer"      "pres"      "Af"  
 'Ele come carne com sal'

O marcador modal BA expressa uma assertiva negativa.

(492) /ãda kia aça pi ã ba/  
 "ele" "?" "mandioca" "comer" "?" "Neg"  
 'Ele não comeu mandioca'

(493) /bipa kã ba/  
 "pai" "?" "Neg"  
 'Não é seu pai'

(494) /duku ìpa kã ba/  
 "nosso" "pai" "?" "Neg"  
 'Não é nosso pai'

O marcador modal BÃ marca uma assertiva interrogativa.

(495) /bĩ ribi ìpahaduhu bis bã/  
 "tu" "?" "beber" "?" "Int"  
 'Tu bebes água?'

(496) /bipa dawa bã/  
 "pai" "civilizado" "Int"  
 'Seu pai é civilizado?'

(497) /bãhũ hũtuku buçi bã/  
 "rapaz" "moça" "gostar" "Int"  
 'O rapaz gosta da moça?'

### 3.4 PRONOMES

Os pronomes diferem do nome, por exprimirem um "ser", "não por ele mesmo mas em função de uma situação lingüística" (MATTOSO CÂMARA JÚNIOR, 1980: 154). Isto é, o significado é estabelecido

do em função dos dois participantes do discurso: falante e ouvinte.

Por isso, "os pronomes são palavras que indicam as pessoas envolvidas no discurso" (PALÁCIO, 1984: 55). Essas pessoas podem ser definidas a partir dos critérios de participação no evento comunicativo: EU-falante, "designa aquele que fala e implica ao mesmo tempo um enunciado sobre o eu"; o TU-ouvinte, "é necessariamente designado por eu; e, ao mesmo tempo eu enuncia algo como um predicado de tu" (BENVENISTE, 1991: 250). O referente comporta realmente uma indicação de enunciado sobre alguém ou alguma coisa, mas não referida a uma "pessoa" específica. Exatamente por se encontrar fora do eixo comunicativo eu-tu, "ele" pode representar uma diversidade de sujeitos ou nenhum (BENVENISTE, 1991: 253).

Os pronomes se classificam em pessoais, de caracterização sintática, isto é, podem ocupar função de sujeito (caso reto) e objeto (caso oblíquo), demonstrativos, interrogativos, possessivos, que devem ser adotados de acordo com a ocorrência em cada língua específica.

Os pronomes, em Poyanáwa, se classificam em pessoais e possessivos.

### 3.4.1 Pronomes Pessoais

Os pronomes pessoais se flexionam em pessoa e número.

#### Singular

1ª pessoa	/ia/ - eu
2ª pessoa	/bĩ/ - tu (você)
3ª pessoa	/a/ - ele(a)



Plural

1ª pessoa	/dũ/	- nós
2ª pessoa	/bã/	- vocês
3ª pessoa	/atuh/	- eles(as)

O pronome *ia* (1ª pessoa - singular) possui um alomorfe: *ida* quando se encontra como sujeito de verbo transitivo.

(498) /*ida kapɛ kuša i ki/*  
 "eu" "jacaré" "matar" "?" "Af"  
 'Eu estou matando jacaré'

(499) /*ida ipahãduhu bisi/*  
 "eu" "beber" "pres."  
 'Eu bebo água'

O pronome *bĩ* (2ª pessoa - singular) mantém-se inalterado, seja em contexto de frase verbal ou nominal ou isolado.

(500) /*bĩ/*  
 'tu/você'

(501) /*bĩ hukūba/*  
 "você" "grande"  
 'Você é grande'

(502) /*bĩ bāsa kuĩ/*  
 "você" "bom" "enf"  
 'Você é muito bom'

(503) /*bĩ āda bupidu/*  
 "você" "ele" "bater"  
 'Você bate nele'

(504) /bĩ bāda/  
 "você" "falar"  
 'Você fala'

O pronome de terceira pessoa "a" se comporta de duas formas:

I. quando se encontra como sujeito de verbo intransitivo, a forma básica permanece inalterada:

(505) /a ādira ka/  
 "ele" "deitar" "Af"  
 'Ele está deitado'

(506) /a ikutība čāība bia/  
 "ele" "fogo" "sentar" "?"  
 'Ele está sentado perto do fogo'

(507) /a ādiuha/  
 "ele" "dormir"  
 'Ele dorme'

II. quando o pronome funciona como sujeito de verbo transitivo, realiza-se como a alomorfe āda:

(508) /āda šaw pĩ bisi ki/  
 "ele" "sal" "comer" "pres" "Af"  
 'Ele come sal'

(509) /āda ru putay/  
 "ele" "pedra" "jogar"  
 'Ele está jogando pedra'

(510) /ãda šaw tihu dābi pĩ bisi ki/  
 "ele" "sal" "?" "carne" "comer" "pres" "Af"  
 'Ele come carne com sal'

O pronome de 3ª pessoa possui um outro alomorfe, ãnã.

(511) /ãdã pabiki dua/  
 "ele" "orelha" "furar"  
 'Ele furou a orelha'

(512) /ãdã ikutiba hiki a ki/  
 "ele" "fogo" "acender" "?" "Af"  
 'Ele acende o fogo'

(513) /ãdã bakibu isu bāti pūtāy/  
 "ele" "menino" "macaco-preto" "rabo" "puxar"  
 'O menino está puxando o rabo do macaco-preto'

(514) /ãdã dasã bisi/  
 "ele" "morder" "pres"  
 'Ele morde'

Para explicar essas ocorrências pensamos, inicialmente, que eram causadas pela presença de alguma vogal nasal no enunciado, um processo de harmonização, mas tal explicitação revelou-se inadequada, tendo em vista alguns contra-exemplos levantados onde ocorre ãnã sem a ocorrência de qualquer vogal nasal no enunciado, como em:

(515) /ãdã kia aça pi ki/  
 "ele" "?" "mandioca" "comer" "decl"  
 'Ele comerá mandioca'

- (516) /ãdã atuh burutu bisi/  
 "ele" "eles" "bater" "pres"  
 'Ele bate nos outros'

ou ainda a presença de vogal nasal no enunciado sem a ocorrência de ãdã:

- (517) /ãda hūtuku bučiba kuīsi/  
 "ele" "moça" "gostar" "enf"  
 'Ele gosta da moça mesmo'

- (518) /ãda pĩ bisi/  
 "ele" "comer" "pres"  
 'Ele come'

- (519) /ãda puya ida ka/  
 "ele" "pássaro" "ter" "Af"  
 'Ele tinha um pássaro'

Isso nos leva a crer que ãna flutua com ãnã, em ocorrência livre.

Há enunciados registrados onde ocorre um "apagamento" do pronome de terceira pessoa:

- (520) /biti sīdua/  
 "pele" "cortar"  
 'Ele cortou a pele'

- (521) /uyta huay/  
 "perna" "coçar"  
 'Ele está coçando a perna'

O pronome de primeira pessoa plural mantém-se inalterado em todos os contextos:

(522) /dũ huã bisi/  
 "nós" "soprar" "pres"  
 'Nós sopramos'

(523) /dũ bãda kãdi/  
 "nós" "falar" "AnF"  
 'Nós estamos falando'

(524) /dũ içata hutã bisi/  
 "nós" "?" "cheirar" "pres"  
 'Nós cheiramos'

O pronome bã (2ª pessoa plural) permanece inalterado em contexto de frase verbal.

(525) /bã bãda kadi bã/  
 "vocês" "falar" "?" "Int"  
 'Vocês falam?'

(526) /bã ãa bupi sãki/  
 "vocês" "eu" "bater" "?"  
 'Vocês batem em mim'

O pronome de terceira pessoa plural se realiza através do alomorfe "atũ", quando sujeito de verbo transitivo.

(527) /atũ bãda i kuĩsi/  
 "eles" "falar" "?" "enf"  
 'Eles falam muito'

Os pronomes pessoais, quando funcionam como complementos verbais de verbo transitivo, ocorrem em suas formas básicas:

- (528) /ãda ia bupidu/  
 "ele" "eu" "bater"  
 'Ele bate em mim'
- (529) /bã iã bupi sãki/  
 "vocês" "eu" "bater" "?"  
 'Vocês batem em mim'
- (530) /ãda atuh burutu bisi/  
 "eles" "eles" "bater" "pres"  
 'Ele bate nos outros'

### 3.4.2 Pronomes Possessivos

#### Singular

- |         |             |
|---------|-------------|
| 1ª ãwã  | 'meu/minha' |
| 2ª bĩwã | 'teu/tua'   |

#### Plural

- |          |                |
|----------|----------------|
| 1ª duku  | 'nosso(a) (s)' |
| 3ª atũda | 'dele(a) (s)'  |

O pronome possessivo de primeira pessoa se realiza como ãwã quando em contexto de frase nominal.

- (531) /ãwã bākãdata/  
 "minha" "palma da mão"  
 'A palma da minha mão'

- (532) /ãwã iwĩ/  
 "minha" "casa"  
 'Minha casa'
- (533) /ãwã tay bãhã/  
 "meu" "pé" "ferido"  
 'Meu pé está ferido'
- (534) /ãwã šãdiati/  
 "meu" "namorado"  
 'Meu namorado'
- (535) /ãwã pia/  
 "minha" "sobrinha"  
 'Minha sobrinha'
- (536) /ãwã bãkã suykã ba/  
 "minha" "mão" "inchada" "neg"  
 'Minha mão não está inchada'

O pronome de 1ª pessoa se realiza também como "iwã".

- (537) /iwã baki irabu/  
 "meu" "filho" "homem"  
 'Meu filho é menino'
- (538) /iwã piãba buça kuĩsi/  
 "minha" "sobrinha" "bonita" "enf"  
 'Minha sobrinha é muito bonita'
- (539) /iwã ibiika bakirabu kãba/  
 "minha" "irmã" "filho-menino" "?"  
 'Minha irmã tem um menino (homem)'

Como as ocorrências do pronome possessivo de primeira

pessoa *ãwã* e *iwã* realizam-se em frases de mesma estrutura, isto le va-nos a sugerir que são variantes livres.

O pronome possessivo de segunda pessoa se realiza como *bīwã*.

(540) /*biwã buh sutu*/  
 "teu" "cabelo" "curto"  
 'Teu cabelo é curto'

(541) /*bīwã pabīki iruišta*/  
 "tuas" "orelhas" "pequenas"  
 'Tuas orelhas são pequenas'

(542) /*bīwã iwī hukūba bā*/  
 "tua" "casa" "grande" "int"  
 'Tua casa é grande?'

O pronome possessivo de segunda pessoa possui uma variante: *bīã*.

(543) /*bīã biru*/  
 "teu" "olho"  
 'Teu olho'

(544) /*bīã biru taši kuīsi*/  
 "teu" "olho" "vermelho" "enf"  
 'Teu olho está muito vermelho'

As realizações do pronome de segunda pessoa *bīwã* e *bīã* estão em variação podendo ocorrer nos mesmos contextos.

A língua Poyanáwa parece não fazer distinção entre os pronomes de segunda e terceira pessoas, visto que em algumas frases



elicitadas bīwā ocorre como possessivo de terceira pessoa, como nos exemplos:

(545) /bīwā baki/  
 "seu" "filho"  
 'Seu filho'

(546) /bīwā awī/  
 "sua" "mulher"  
 'Sua mulher'

(547) /bīwā bādī/  
 "seu" "marido"  
 'Seu marido'

O pronome possessivo de terceira pessoa se realiza como atūda.

(548) /atūda tay suy pakia/  
 "dele" "pé" "inchado" "?"  
 'Os pés deles continuam inchados'

(549) /atūda bākā bāhā rasi/  
 "dele" "mão" "ferida" "?"  
 'As mãos dele estão feridas'

(550) /atūda bāti čuku rasi/  
 "dele" "rabo" "preto" "?"  
 'Os rabos deles são pretos'



*Crianças Poyanāwa.*



CAPÍTULO IV  
PROPOSTA DE ALFABETO

A proposição de um alfabeto para uma língua ágrafa é tarefa multidisciplinar que envolve conhecimentos de várias ciências integradas para benefício dos usuários, manifestantes de determinada cultura. É, portanto, um trabalho de Linguística Aplicada.

Esta proposta deverá centrar-se no usuário de Poyanáwa, procurando levá-lo a dispôr, no seu dia a dia, de um material de fácil manuseio e aplicação. Para isso faz-se necessária a observação de critérios sócio-linguísticos, na criação da língua escrita, especialmente no que se refere à escola.

A língua de um grupo humano é o centro de sua cultura, por isso é essencial que a língua indígena passe a ter uma escrita própria que sirva de canal para a atualização e conseqüente conhecimento dos conceitos usados pela sociedade nacional e registro dos mitos e da própria história grupal. Isto possibilitará a manutenção e o fortalecimento da identidade étnica, que, para os Poyanáwa, só será possível se encaminhado a partir de uma escola que privilegie o ensino/aprendizagem da língua.

Os Poyanáwa passam, até o presente momento, por processo escolar centrado no ensino de Português, mas o registro da sua língua e a possibilidade do resgate desta como recurso sócio-comunicativo, via escola, são ações há muito desejadas. Este desejo ganha contornos bem definidos quando observamos alguns aspectos:

- a. a língua indígena passa por um momento de crescente valorização interna e externa;
- b. o grupo ainda tem um pequeno número de falantes ativos e passivos;

c. após a demarcação da área indígena, os índios sentiram necessidade de uma língua que os identificasse e reconhecem sua língua, Poyanáwa, como um patrimônio do grupo, tanto quanto a terra que acabam de conquistar.

Para o estabelecimento do alfabeto da língua Poyanáwa, consideraremos o fonema como entidade fonológica e o grafema, entidade ortográfica. Na escolha dos grafemas, salvo quando não for possível, serão adotadas as convenções que regem os alfabetos de outras línguas Pano, propostas pela CPI-Acre, que são condizentes com as letras do alfabeto Português, usado pela sociedade envolvente. Tal escolha deve-se ao fato de que estas convenções já foram testadas e estão sendo otimizadas com grande sucesso e, ainda, para que exista uma possível uniformização dos alfabetos de línguas aparentadas.

Para a transferência da forma sonora para a forma escrita, observaremos três aspectos propostos por SILVA (1981: 10):

- o aspecto sonoro da corrente da fala (o som propriamente dito);
- o som como elemento significativo, no sistema comunicativo (as entidades segmentais);
- traços que incidem sobre a corrente da fala modificando a mensagem (as entidades suprasegmentais).

Sempre que possível observaremos o critério de um grafema como representação de um fonema, mas em alguns momentos, diante de certas limitações, usaremos dois grafemas para representação de um fonema.

Entre os fonemas vocálicos orais optamos pelo grafema e

para representar o fonema /ɨ/, que é articulatória e perceptualmente muito semelhante a /i/ e /u/.

O Português tem duas vogais altas: i e u; enquanto o Poyanáwa tem três: i, ɨ e u. Com a escolha da letra e para representar o fonema /ɨ/, excluem-se possíveis confusões quanto à grafia de palavras com um desses fonemas. Como Poyanáwa não tem o fonema /e/, o grafema e do alfabeto Português, que vem sendo usado nos alfabetos de outras línguas Pano, é adequado para representar a vogal /ɨ/.

Para representar os fonemas vocálicos nasais, usamos os mesmos grafemas orais correspondentes, marcando a nasalidade com um til.

Para os fonemas consonantais usamos grafemas do Português, acrescidos de k, w e y.

Para representar o som de c na palavra casa, usamos a letra k. Evita-se assim o uso das letras c e qu para representar o mesmo fonema, como acontece em Português. Os grafemas w e y são usados para representar as semivogais /w/ e /y/ nos ditongos. Poderíamos ter optado pelos grafemas u e i, como em português, mas acreditamos que a representação ortográfica deve se manter unívoca, cada grafema representando um fonema, tanto quanto possível.

A escolha do grafema h para representar o fonema /h/ procura evitar o uso de um erre r inicial e final e dois erres rr intervocálico para representar um único fonema, como em Português. Embora o h inicial em Português seja mudo e em outras circunstâncias só ocorra precedido por l, c e n, optamos pelo ensino do som desta letra no Poyanáwa e assim manter a referência um som, uma letra.

Acreditamos que os dígrafos ts e tx não ocasionem pro-

blemas, pois eles são sugestivos para as pronúncias dos fonemas /ç/ e /ç̃/ e suas referências com o Português não oferecem obstáculo.

Os fonemas /b/ e /d/, que têm duas realizações fonéticas cada, serão representados pelos grafemas b, m e d, n respectivamente, pois a maioria dos índios já alfabetizados em Português possivelmente terão dificuldade em registrar uma única letra para dois sons conhecidos.

Quanto ao fonema /b/, que não existe no Português do Brasil, preferimos representá-lo pela letra y, do alfabeto usado pela sociedade envolvente.

A maioria desses grafemas aqui sugeridos estão de acordo com os alfabetos adotados para outras línguas Pano e as letras podem ser facilmente datilografadas.

Segue-se uma lista dos fonemas com os respectivos grafemas que os representarão na língua escrita:

#### VOGAIS

<u>Fonema</u>	<u>Letra</u>
/a/	a
/i/	i
/ĩ/	e
/u/	u

#### VOGAIS NASAIS

/ã/	ã
/ĩ/	ĩ
/ũ/	ũ

## CONSOANTES

<u>Fonema</u>	<u>Letra</u>	<u>Regra ortográfica</u>
/b/	{ b { m	(antes de vogal oral) (antes de vogal nasal)
/p/	p	
/b̃/	v	
/t/	t	
/d/	{ d { n	(antes de vogal oral) (antes de vogal nasal)
/k/	k	
/h/	h	
/s/	s	
/ʃ/	x	
/t͡/	ts	
/t͡x/	tx	
/r/	r	
/w/	w	
/y/	y	

São vinte e três as letras de nossa proposta de alfabeto que deverá ser submetida à aprovação dos falantes de Poyanáwa:

a ã b d e h i ĩ k m n p r s t ts tx u ũ v w x y

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de uma língua pressupõe um considerável mergulho em sua complexidade. Uma língua, mesmo analisada em profundidade, terá sempre alguns problemas a serem resolvidos. Estas pressuposições também se aplicam à língua Poyanáwa. Empenhamo-nos em registrar o mais exaustivamente possível os principais fatos lingüísticos nas áreas de fonologia e morfologia, entretanto não nos propomos a esgotar todos os fenômenos da língua nestas áreas.

Do levantamento lingüístico feito em trabalho de campo através de elicitación de dados com informantes e após análise, podemos dizer que a língua possui 14 segmentos consonantais, sete vocálicos, sendo quatro orais e três nasais, e é do tipo SOV (Sujeito-Objeto-Verbo), conforme os exemplos:

	S	O	V	
(551)	/ãdã	atuh	burutu	bisi/
	"ele"	"eles"	"bater"	"pres"
	'Ele bate nos outros'			
	S	O	V	
(552)	bãhũ	hũtuku	buči	bã/
	"rapaz"	"moça"	"gostar"	"neg"
	'O rapaz não gosta da moça'			
	S	O	V	
(553)	/ãda	kapi	kuša	šida/
	"ele"	"jacaré"	"matar"	"pas II"
	'Ele matou um jacaré'			

A análise fonológica não apresentou grandes dificuldades



des; a morfofonologia não foi investigada para este trabalho.

Dos suprasegmentos, a acentuação é predizível, ocorrendo na última sílaba, portanto sem implicações fonológicas. Os demais aspectos suprasegmentais, tom e duração, só aparecem em realizações esporádicas a nível fonético. Algumas palavras fogem ao comportamento acentual, especialmente as formadas pelos vocóides a e i, como em ['tai] e ['hai], 'pé' e 'tatu-bandeira', respectivamente. Nestes casos, optamos pela decisão teórica de considerá-los /ay/, um ditongo decrescente, concordando, assim, com o padrão acentual da língua. Esta decisão foi tomada a partir do número de ocorrências destes casos no corpus obtido, que não ultrapassou a três enunciados. Tal interpretação pode dever-se à velocidade da fala e/ou a problemas de percepção da produção fonética.

Não marcamos foneticamente a oclusão glotal nas transcrições, porque a nossa informante principal não mais a realizava. Essa não-realização era informada através dos momentos em que dizia ter perdido o "sotaque", e este, segundo ela, era o que a diferenciava dos demais falantes. Estes, quando perguntados se isso dificultava a compreensão do que era dito, informavam que não, evidenciando-se que a oclusão glotal não era semanticamente distintiva e que, no nosso entender, ocorria devido ao estilo de fala (mais ou menos tenso) ou à velocidade de fala (mais ou menos rápido), sendo uma realização automática, proporcional à idade do falante e ao uso do português; quanto mais velho e menor o uso do português, maior a ocorrência da oclusão glotal.

No corpus levantado, registramos palavras de entrada recente na língua. Palavras como /buy/ 'boi', /šaw/ 'sal', que por suas semelhanças fonéticas com o português, devem ter sido formadas após o contato, até porque os referentes 'boi' e 'sal' só passaram

a ser conhecidos após esse momento: Deduzimos, então, que ao entrarem na língua as palavras sofrem as devidas adaptações fonológicas, como é comum acontecer aos empréstimos nas demais línguas do mundo.

A morfologia do Poyanáwa apresenta uma enorme complexidade. Nesta parte, analisamos os nomes, substantivos e adjetivos, os verbos e os pronomes.

A distinção entre substantivo e adjetivo se dá apenas através de critérios nocionais, já que essas formas são constituídas por morfemas livres e não possuem marca específica para cada classe.

Não detectamos nenhuma marca específica para gênero e número nas palavras. O gênero é determinado por heteronímia, isto é, palavras que possuem raízes diferentes, mas que formam, agrupadas, uma estrutura semântica. Como exemplo, temos: /iwa/ 'mãe' e /i<sup>h</sup>pa/ 'pai', /irabu/ 'homem' e /awibu/ 'mulher', etc. Marcas de número não foram detectadas, ficando esta noção determinada pelo contexto de fala.

Em Poyanáwa, o verbo se caracteriza por um morfema livre, que é acompanhado por partículas que indicam aspecto, tempo e modo. O que cada uma dessas partículas representa constitui um desafio para sua tradução em Português, pois a tradução é sempre livre, numa tentativa de enfeixar todas as noções que caracterizam as partículas.

Na identificação e caracterização dessas partículas, baseamo-nos em critérios posicionais e semânticos. O primeiro nos mos.s. tra como elas se sucedem nos enunciados, identificando em primeiro lugar, logo após a raiz verbal, a aspectual; em segundo, a temporal, em terceiro, a modal.

Estamos conscientes de que as partículas identificadas

como temporais também carregam em sua estrutura noções aspectuais. Partimos do princípio que um enunciado não comportaria vários marcadores aspectuais para classificar as partículas temporais como tal; servimo-nos, portanto, também, do apoio de critérios semânticos.

Os marcadores aspectuais, que neste trabalho ficaram restritos a algumas partículas devido aos poucos dados disponíveis, são de essencial importância para a compreensão da realização verbal da língua, necessitando de análise mais aprofundada para uma delimitação mais precisa do assunto.

Em alguns momentos da análise, sentimos que, nesta língua, a noção aspectual é mais importante que a temporal, pois revela uma visão de mundo bem particular, o que gera certas dificuldades para um falante de português na compreensão de suas várias nuances.

Os pronomes pessoais possuem uma forma básica, assim tomada por ocorrer isoladamente, e alomorfes, de ocorrência determinada pelo contexto. A alomorfia contextual é sempre determinada pela presença, no enunciado, de verbo transitivo. Apenas os pronomes de segunda pessoa singular e primeira e segunda pessoas plural destoam desta proposição, permanecendo invariáveis em contextos de frases nominais e verbais.

Dentre os pronomes que possuem alomorfia em contexto previsível de frases verbais com verbo transitivo está o de primeira pessoa /ia/ 'eu', que mantém-se inalterado em frases nominais e verbais com verbo intransitivo, mas que possui uma variante /ida/ quando sujeito de verbo transitivo.

O pronome de terceira pessoa singular /a/ 'ele(a)' permanece inalterado nos contextos já descritos, mas ao funcionar como sujeito de verbo transitivo se realiza alomorficamente flutuando en

tre as formas /ãda/ e /ãdã/.

O pronome de terceira pessoa plural /atuh/ 'eles' segue o mesmo comportamento registrado nas demais pessoas, se realizando alomorficamente como /atũ/, quando sujeito de verbo transitivo.

É importante atentar para o fato de que todos os pronomes, exceto o de primeira pessoa singular /ia/, em suas formas básicas ou alomórficas possuem em sua estrutura fonológica a presença de vogal nasal. Essa ocorrência tem, possivelmente, implicações sintáticas, o que nos faz supor que sejam vestígios de marcas de ergatividade na língua, que provavelmente foram se neutralizando diacronicamente, mas que ainda se mantêm em algumas realizações. Temos evidência de tal tipo de marca ergativa no Kaxinawá, uma língua da família Pano, muito próxima do Poyanáwa (PALÁCIO, 1992).

Os pronomes se comportam de duas maneiras. Quando funcionam como sujeitos de verbos transitivos se realizam alomorficamente através das ocorrências já citadas, mas ao funcionarem como complementos verbais permanecem com sua forma básica inalterada.

Os pronomes possessivos são formados a partir das formas básicas dos pronomes pessoais. Parece-nos que, no singular, a marca morfológica de possessivo é /-wã/, já que esta junta-se alternadamente com /ɨ/ e /a/ para formar /ɨwã/ ou /ãwã/ 'meu(minha)'. O mesmo acontece com o possessivo de segunda pessoa, que é formado através da junção de bĩ + wã, gerando /bĩwã/ 'teu(tua)'. Não podemos hipotetizar a respeito da formação pronominal no plural: /duku/ e /atũda/, são primeira e terceira pessoas respectivamente.

Não registramos a ocorrência do pronome possessivo de terceira pessoa singular. Para explicar o fato, hipotetizamos que:

1. não existe realmente essa realização morfológica;

2. o pronome /atũda/, caracterizado neste trabalho como de terceira pessoa plural, também preenche contextualmente a função de posse no singular. Esta hipótese parece ser mais razoável, se tomadas por base as elicitaciones onde o pronome pode referir-se a um possuidor no singular ou no plural.

A numeração em Poyanáwa é bastante simples, ela marca apenas os números de um a cinco, o que corresponde certamente aos dedos da mão. Temos:

(554) /rabukãba/	'Um'
(555) /rabu/	'Dois'
(556) /darãdã/	'Três'
(557) /rũba/	'Quatro'
(558) /rũbakuĩsi/	'Cinco'

Depois de quatro, tudo se resume a "rũbakuĩsi", situacionalmente 'muitos'.

Com este trabalho fizemos o registro da língua e propomos um alfabeto a partir dos dados levantados. Esperamos que, desse momento em diante, o grupo possa dispôr de material para a criação e funcionamento eficaz de uma escola que privilegie sua aprendizagem, que, com certeza, será o primeiro passo para a revitalização do Poyanáwa e conseqüente valorização da auto-identificação grupal, processos que lhes foram usurpados desde o início do contato com a sociedade nacional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, João Capistrano de. Rã-txa hu-ni-kuĩ: a língua dos Caxi-nauãs do rio Ibuacú, afluente do Murú (Prefeitura de Tarauacá). 2. ed. Rio de Janeiro : Sociedade Capistrano de Abreu; Liv. Bri-guiet, 1941.
- BARROS, Gilmedes Rego. A presença do Capitão Rego Barros no Alto Juruá (1912-1915). Brasília : Centro Gráfico do Senado Federal, s.d.
- BARROS, Luizete Guimarães. A nasalização vocálica e fonologia in-troductória à Língua Katukina (Páno). Campinas, SP : UNICAMP, 1987. Dissertação de Mestrado.
- BENEVISTE, Émile. Problemas de lingüística geral I. Campinas, SP : Pontes; Ed. da Universidade Estadual de Campinas, 1991.
- BLOOMFIELD, Leonard. Language. New York : Henry Holt, 1933.
- CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. Introdução às línguas indígenas brasileiras. Rio de Janeiro : Ao Livro Técnico, 1977.
- \_\_\_\_\_. Princípios de lingüística geral. Rio de Janeiro : Padrão Liv. Ed., 1980.
- CARVALHO, João Braulino de. Breve notícia sobre os indígenas que habitam a fronteira do Brasil com o Peru. Boletim do Museu Na-cional, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, set. 1931.
- CASTELO BRANCO, J. M. Brandão. O gentio acreano. Revista do Ins-tituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, v. 207, 1950.
- CHAO, Yuen Ren. Línguas e sistemas simbólicos. São Paulo : Ed. Nacional, 1977.

- CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris. The sound pattern of English.  
Massachusetts : MIT, 1968.
- CRYSTAL, David. Dicionário de lingüística e fonética. Rio de  
Janeiro : Zahar, 1988.
- DUBOIS, Jean et al. Dicionário de lingüística. São Paulo : Cul-  
trix, 1986.
- ELSON, Benjamin; PICKETT, Vilma. Introdução à morfologia e à  
sintaxe. Petrópolis, RJ : Vozes, 1978.
- GLEASON, H. A. Introdução à lingüística descritiva. Lisboa : Fun-  
dação Calouste Gulbenkian, 1985.
- GOMES, Mércio Pereira. Os índios e o Brasil. Petrópolis, RJ :  
Vozes, 1988.
- GUDSCHINSKY, Sarah C. How to learn an unwritten language. New  
York : Holt, Rinehart and Winston, 1967.
- KINDELL, Glória Elaine. Guia de análise fonológica. Brasília :  
Summer Institute of Linguistics, 1977.
- LADEFOGED, Peter. A course of phonetics. New York : Harcourt  
Brace Jovanovich, 1975.
- LYONS, John. Introduction to theoretical linguistics. Cambridge :  
University Press, 1968.
- MELATTI, Júlio Cezar. Índios do Brasil. São Paulo : Hucitec;  
Brasília : Ed. da Universidade de Brasília, 1986.
- MONTAG, Richard. Notas gramaticales. In: Dicionário Cashinahua:  
Série Linguística Peruana; n. 9, Tomo I. Yarinacocha : Institu-  
to Linguístico de Verano, 1981.

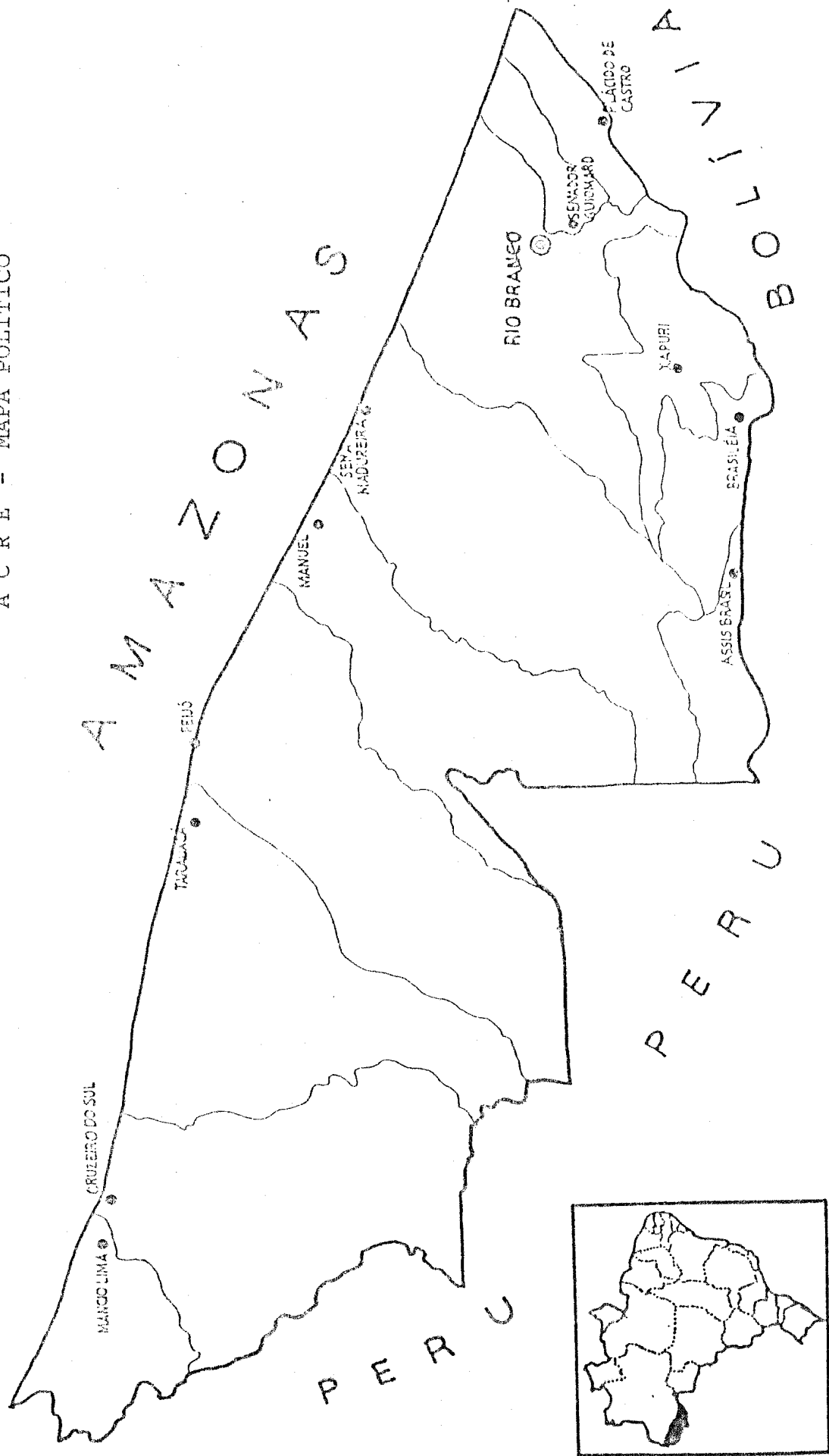
- MONTE, Nietta; OLINDA, Vera (Orgs.). Cartilhas das línguas Jamina-wa, Shanenawa, Kaxinawá. Rio Branco : Comissão Pró-Índio do Acre / Setor de Educação, s.d.
- NIDA, Eugene A. Morphology: the descriptive analysis of words. Ann Arbor : The University of Michigan Press, 1949.
- PALÁCIO, Adair Pimentel. Guató: a língua dos índios canoeiros do rio Paraguai. Campinas, SP : UNICAMP, 1984. Tese de Doutorado.
- \_\_\_\_\_. Problemas de ergatividade e aplicação. Recife, 1992. Trabalho apresentado no VII ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, Porto Alegre, maio 1992, não publicado.
- PIKE, Kenneth. Phonemics: a technique for reducing languages to writing. Ann Arbor : University of Michigan Press, 1947.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo : Loyola, 1986.
- SAPIR, Edward. A linguagem: uma introdução ao estudo da fala. São Paulo : Perspectiva, 1980.
- SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de lingüística geral. São Paulo : Cultrix, 1987.
- SCHANE, Sanford A. Fonologia gerativa. Rio de Janeiro : Zahar, 1975.
- SILVA, Myriam Barbosa da. Leitura, ortografia e fonologia. São Paulo : Ática, 1981.
- SLOAT, Clarence et al. Introduction to phonology. London : Prentice Hall, 1978.
- WIESEMANN, Úrsula; MATTOS, Rinaldo de. Metodologia da análise gramatical. Petrópolis, RJ : Vozes, 1978.



A N E X O I

M A P A S

ACRE - MAPA POLÍTICO





A N E X O II

GLOSSÁRIO POYANÁWA - PORTUGUÊS

A

a	ele(a)
abixay	estragado(a)
atu	bucho
atuh	eles(as)
atũda	deles(as)
atsa	mandioca
awa	anta
awĩ	mulher
awĩvu	mulher (esposa)
awítia	mal

Ã

ãda	língua
ãdaka	aracoã
ãdivu	homem velho
ãde	nome
ãsi	mutum
ãvu	cairara
ãwã	meu/minha

B

bahu	mucura/guarã
bahu	novo
baka	rato
bay	terra
bapu	miolos da cabeça

bari  
bahku  
basi  
basku  
bašī  
baxivuhnã  
baxta  
bixi  
buy  
burutu  
buspati  
buxihua  
busu  
buxa  
buxunãy

cotia  
irmão/primo mais velho  
frio  
seco  
areia  
põ/poeira  
macaco barrigudo  
arraia  
boy  
bater  
andorinha  
vovô  
cego  
molhado  
preguiça-real

D

dahva  
dahva taytay  
dapu  
darãnã  
daravãku  
dati  
dawa  
  
dew  
di  
diwe  
du  
duku

barriga  
dor de barriga  
tutano  
três  
torto  
titia  
estrangeiro/civili-  
zado  
barro  
mato  
barro  
furar  
nosso (a)

E

ea  
ehe  
enã  
epa  
ewa  
ewã  
ewe

eu  
semente  
eu (variante)  
pai  
mãe  
meu/minha  
casa

H

haka  
haki  
hãvu  
hãdi  
hay  
hãy  
hauh  
haw  
heki  
hekimãwã  
heta  
hiki  
huã  
hūba  
hūbu  
huke  
hukūba  
huta

casca  
esfregar  
calango  
banha  
tatu bandeira  
tracajã  
jaboti  
osso  
milho  
tejuacu  
cheirar  
acender  
soprar  
seios  
fumo  
tucano  
grande/grosso/largo  
vovó

I

ia	piolho
iamĩbapu	panela dos brancos
iasĩmãsi	tamanduã
iaya	titia
iawa	queixada
iauaydikia	porco de casa
iawixi	tatu
iãvu	noite
ikãba	verde
ikutĩba	fogo
inãhãkara	víbora
iravu	homem
iru	guariba
irũba	mau
iruixta	estreito
isa	quando
isu	macaco preto
isupuyãmãwã	caitiara
iũda	voar
iũĩda	bicho
iũĩdavũday	bicho de caça
iũĩdaeweki	bicho de casa
iũĩdapuya	pássaro
iumã	peixe
iũmãwã	peixe grande (tambaqui)
iũxĩ	alma
iwa	velho
iwi	árvore
iwrahuta	neto

iwrakuĩ

corpo humano

ixbaya

careca

I

ĩãbi

machado

ĩbi

sangue

ĩdu

onça

ĩsũ

urina

K

kahku

rim

kupa

quatipuru

kape

jacaré

karãwã

sapo

katehaw

coluna vertebral

kãma

raposa

kebu

jacu

keha

boca

kewe

cantar

kixi

coxas

kua

queimar

kui

queixo

kũĩ

fumaça

kuka

titio

kuku

chupar

kurãdi

barba

kuxa

matar

kũba

nambu galinha

kũhdi

bigode



M

mã	vocês
mãdĩ	folha
mãbu	dinheiro
mãhũ	chifre
mākā	mão
mākā data	palma da mão
mākā bevi	dedos da mão
māku	paca
manaki	entrar
māy	cará (peixe)
māynāwa	caraacũ
mĩ	tu/você
mĩmã	flecha

N

nābi	carne
nāpi	ânus
nĩdu	aqui
nũdia	ai
nũnũ	pato
nũy	minhoca

P

pabiki	orelha
pabiki hui	ouvido
pāhnã	querido(a)
pāhũ	peixeira
pakatsuka	macado jogue-jogue
pāxĩ	amarelo

pi / pĩ

piatis

pisa

piskã

pĩtsu

pixi

pũdu

puyã

puy

puyavu

puyamãwã

puybixtĩ

pũsu

puta

puti

comer

sobrinha

araçari

marimbondo/caba

cintura

costelas

veias

braços

pena

pãssaro

sapo-boi

pena

bentinha

jogar

costas

## R

ravu

ravukãba

rãhũ

rãkĩ

rãtuhku

risve

risi

ru

rũdu

rue

ruka

dois

um

objeto velho

nariz

joelhos

corda

rede

guariba

cobra grande

pedra

paruaçu

**S**

sāki  
 sivakāwā  
 sīūyā  
 suveake

já  
 poraquê  
 listrado  
 redondo

**T**

tābu  
 tāhā  
 taka  
 tākara  
 tākara vūdu  
 tākūti  
 tay  
 taytxīpu  
 tāpā  
 tapi  
 taxi  
 tatxa  
 tehu  
 tuku

bochecha  
 pulmão  
 fígado  
 galinha  
 galo  
 arco  
 pé  
 calcanhar  
 paxiūba  
 ouvir  
 vermelho  
 raiz  
 pescoço/cangote  
 umbigo

**TX**

txahu  
 txaypa  
 txātūba  
 txuhu  
 txuku  
 txurā  
 txubu

veado  
 comprido  
 aleijado  
 preto  
 flor  
 gia  
 curimatã

U

ua	nadar
uaka	água/rio
uay	roçado
uãsa	macaco cheiro
uh	cabelo
uh kaya	cabelos compridos
uh txuhu	cabelos pretos
uh kuru	cabelos brancos
uh sutu	cabelos curtos
uhu	branco
uhka	cabeça
uy	chuva
utxiti	cachorro

Û

uãtis	unha
ũdi	gente
ũdu	caititu/porquinho
ũhũdi	lua
ũiti	coração
ũpūtāti	tendão
ũtisi	quente
ũtuhku	tornozelo
ũtuku	moça
ũxi	fruta

V

vãda	falar
vãdi	marido

vādi iakati  
vāhū  
vake  
vakevu  
vakevu  
vakevuiravu  
vakevuawīvu  
vānāmā  
vay  
vari  
varikea  
vāti  
vawa  
vi  
vihku  
viwi  
veru  
veru ehe  
veteh  
vetuhku  
vūsī  
vusta  
vutuya  
vuxa

canoa  
cotovelo  
filho  
menino  
pequeno  
menino  
menina  
testa  
caminho  
sol  
dia  
rabo  
papagaio  
carapãã  
traíra  
mambira  
olho  
pupilas dos olhos  
tripas  
punhos  
lontra  
sujo(a)  
macaco da noite  
estralas

X

xādiati  
xādu  
xāduewe  
xāki  
xāti

namorado  
cobra venenosa  
gato  
rã  
cairara

xaw

xixi

xixiaka

xipi

xiw

xidu

sal

quati

peixeira

macaco soim

pium

macaco prego

A N E X O III

TEXTO POYANÁWA

.Awĩvu ikutĩba hiki a ki.

"mulher" "fogo" "acender" "A.C." "Af"

.Āna ikutĩba huã ki. Iamĩbapu uaka kive rika

"ela" "fogo" "soprar" "Af" "panela" "água" "cheia" "?"

.Iamĩbapu hukũba kuĩsi. Awĩvu ikutĩba txãyba bea

"panela" "grande" "enf" "mulher" "fogo" "sentar" "?"

.Āna vakiawĩvu kãba. Vakiawĩvu butsa kuĩsi.

"ela" "menina" "?" "menina" "bonita" "enf"

.Mĩwã vãdi iwĩdatia. Ānã kape awa kuxa xĩda.

"seu" "marido" "caçar" "ele" "jacaré" "anta" "matar" "pas.II"

.Atũ xaw nãbi pi bisi ki.

"eles" "sal" "carne" "comer" "pres" "Af"

'A mulher acendeu o fogo soprando.'

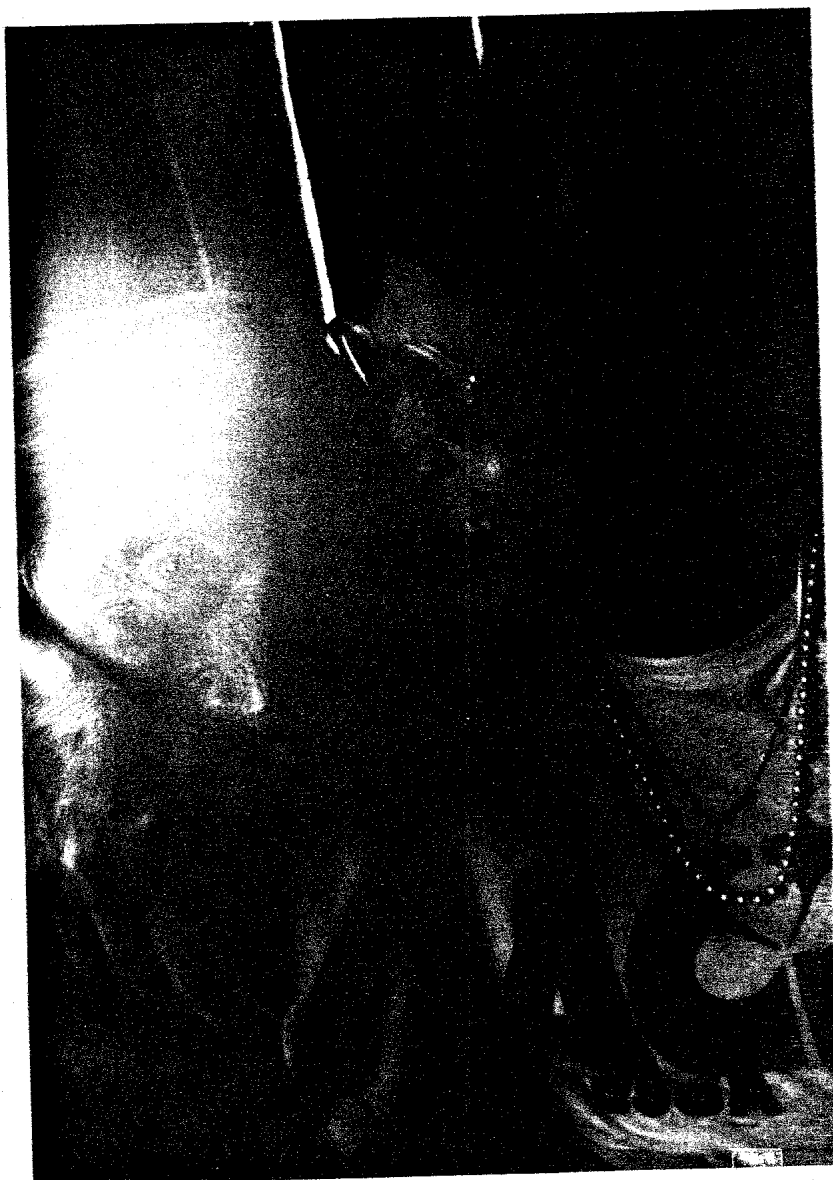
'A panela está cheia de água e é muito grande.'

'A mulher estava sentada junto do fogo.'

'Ela tinha uma menina muito bonita.'

'Seu marido foi caçar e matou um jacaré e uma anta.'

'Eles estão comendo a carne com sal.'



PRUDENTE DE MORAIS e RAILDA MANAITÃ,  
*que me contaram o Mito da Criação*



## MITO DA CRIAÇÃO

*Narrado em Poyanāwa por Prudente de Moraes e traduzido para o português por Ráilda Manaitã.*

Havia na mata uma mulher velha, sem ter marido, mas tinha quatro filhos, dois mais velhos e dois menores. Um dia, eles foram caçar e ouviram uma voz gritando: "- Irikari, irikari tapiuhtã." Um deles falou: "- Irmão, mano, escuta aí. Quem está chamando a nossa mãe? Nossa mãe não é brincadeira. Quem está chamando a nossa mãe?" "- Cala a boca. Fica em silêncio. Para ver quem é", disse o outro irmão. A mulher foi chegando e se aproximando deles. O cara tava trepado lá em cima, matando pássaro de flecha para o que estava embaixo ajuntar. Quando ela, bem pertinho, gritou: "- Irikari", aí, ele apareceu. "- Quem estava chamando tanto a mãe dele?" O outro desceu. Chegaram os três e os gritos: "- Me solta, me solta, que eu quero que sua mãe me coma." "- O que aconteceu? Conta pra gente. Nós ainda somos solteiros. Não temos mulher." Ela falou: "- Eu quero que sua mãe me coma porque eu sofri uma grande decepção." "- Conta pra gente." "- Eu vou contar." O marido dela tinha muito ciúme dela. Tinha muito ciúme dela e a sogra levantou um grande falso dela. "- O que aconteceu?" A sogra dela inventou que ela tava namorando o minhocão, tava bochuda do minhocão, chamava-se Nūynāw e ele foi e botou um veneno nas partes dela e saiu todos os minhocão. E fez um veneno para se extinguir ..., e acabar quando saía aquele minhocão, ele botava no vaso de veneno e soltava. Quando soltava aquelas bem venenosa, que era cobra venenosa, afogava bem. Agora, que não era muito venenosa era só mandar cheirar e por isso que aconteceu cobra venenosa no mundo. "- Então você não vai ser comida que

eu vou levar você pra casa", e levaram de noite. Aí ele falou: "- Como é que vai ser?" "- Chega um adiante e outro atrás, tarde da noite." Chegou e a mãe dele falou: "- Que você tava fazendo até esta hora?" "- Ora, a gente não conseguiu matar nada." Ela disse que tava morta de fome e ele foi e disse a mãe dele: "- Só matamos avezinhas miúdas, não matamos veado nem porco não." A mãe dele ficou danada de raiva, esturrando. Ela já tava pressentindo sangue vivo. O quarto dela estava todo fechado, eles entraram sem ela ver. Tudo escuro. Quando foi umas horas da noite, um desce da rede, um outro embaixo, ela no meio e o outro por cima. Ela foi cutucar por baixo, no bumbum dela. Ela falou: "- Sua mãe tá me cutucando." Ele falou: "- Mamãe, você tá me cutucando por quê?" Aí, ela falou que tava sentindo sangue real. "- Eu não matei caça grande." Passaram a noite e quando foi de madrugada ele diz: "- Vamos embora, mano? Ela não quer deixar nós dormir." Levaram a mulher escondida. No terceiro dia, ele apresentou pra mãe deles. "- Mãe, aqui a mulher que a gente encontrou, deixe nós ficar com ela, porque nós não temos mulher. Pra ajudar você a fazer as coisas." Ela consentiu. Quando ele ia caçar levava ela, quando um saía o outro ficava. A mulher ficou gestante. Aí, teve a criança, uma criança que era uma beleza. O bichinho já estava ficando sabido. Ela foi fazer mingau de milho, pamonha, canjica e faltou água no vaso d'água. Ela falou: "- Sogra, você não come o meu filho, não? Seu neto." - "- Como não." "- Então vou buscar água rápido", e ela foi. No que ela deu as costas, ela cortou assim com as unhas, rolou o bichinho no meio e botou dentro do vaso de mingau. Quando ela chegou que foi mexer o mingau, viu na fervura do mingau, a perna do menino passando. Ela gritou: "- Ai, você matou meu filho." Ela avançou em cima da mulher e pegou nos cabelos da mulher. Ela saiu aos gritos: "- Marido, a sua mãe já matou nosso filho." Ele soltou a pedra que tava derrubando o pau e escu-

tou o que aconteceu e correu para lá. Aí, ela foi e contou pra ele. Disse que a mãe dele tinha cortado o menino e jogado dentro do mingau. Aí, ele disse "- O que é que eu vou fazer com a senhora, mãe?" Aí, ele pegou a pedra que tava no roçado, chamava-se rue, tacava na cabeça e a pedra se esbagaçava, tacava o pau na cabeça e esbagaçava. Ela comendo o mingau do menino e já tinha feito sopa. Ela comia e lambia os dedos. Depois arrotou. Depois ela falou: "- Filho, eu matei o seu filho, agora você pode fazer o que quiser comigo." Entregou-se. "- Vou te dizer, você tira um monte de lenha, faz uma carga de lenha, toca fogo e me senta dentro." Isso eles fizeram. Tiraram uns rolos de lenha e fizeram o fogo e ela mesmo se entregou e sentou-se dentro do fogo. Ela dentro do fogo e falando: "- Ai, quando eu tiver perto de me acabar, seus tios vão chegar, onça, leão, tigre, os seus tios vão chegar. Vocês tomem cuidado e vão se esconder." Isso ele fez. Quando começou: "- Mãe, tá sentindo o fogo?" "- Nada. Não tô sentindo nadinha." Dava uma volta. "-Mãe, tá sentindo alguma coisa?" "- Que nada." Na terceira vez, ela falou: "- Estou sentindo uma quenturazinha por dentro. Parece que já tô com febre." Aí, ela falou: "- Agora, sim." E começou a espoucar. Pôôôô, assim como lenha quando pega fogo. Quando dava aquele estalo, apareceu um pé de quariquari, paudarco. Cada estalo que dava era um pé de pau que aparecia, e, quando estalava outra coisa aparecia que bicho for. Aí, até que acabou-se e não ficou mais nada. Ele escondido. Quando foi de madrugada, o leão chegou, perguntou aos bichinhos pequenos: "- Quem fez isso com sua mãe?" - "- Sei não." "- Você sabe. Se você não me disser vou lhe matar." "- Tio, não mate que eu não sei não." A mãe dele pegou fogo sem necessidade. Aí, o tigre perguntou: "- Será que não tá aí nesse buraco?" O coelho disse: "- Deixe que eu vou olhar." E foi lá e disse: "- Tá não, já fui até o fim do buraco e não achei nada." Mas os dois estavam no buraco.

Aí, juntou todos os bichos e fizeram aquela roda danada e no final não tinha mais nada. Pegaram a cinza, botaram nas costas e foram em bora. Os dois pequenos ficaram. Os dois homens foram embora para ou tra maloca. Aí, nessa arrumação começaram a entrosar com os outros, começaram a conversar com os outros o que aconteceu, que a mãe dele tinha pegado fogo e agora estavam sem rumo para morar. "- Ah, vocês podem ficar com a gente." Aí, ele falou: "- Como é que vai ser agora de nós?" "- Não se incomodem que vai ser tudo bem. Você vai ver. Você vai aqui nesta estrada. Você procura algumas pessoas que vão te indicar com quem você vai viver." Aí, disse que chegou no meio da viagem. Andou, andou e encontrou um monte de terra e aí começou a cantar uma música. Cantaram e cantaram e começaram a surgir terra, monte, montanha, serra e disse que apareceu uma ave bem pretinha cantando uma canção bonita. Aí, ele disse: "- Você vomitou?" "- Ainda não." "Então vomite na minha mão." O pássaro foi e vomitou e nada, só lama. Outro apareceu. "- Você já vomitou?" "- Não." "- Voomite aqui na mão dele." Não saía nada, só espuma. Até que chegou um bem pequenininho e falou: "- Eu não vomitei não." "- Então vomite a qui." Aí, o passarinho vomitou na mão dele e apareceu uma pedra, uma pedra brilhosa. Ele pegou e o pássaro disse: "- Você sai pelo mundo que vai ser muito feliz. Com você não vai acontecer nada." Ele andou, andou, até que apareceu um paxiubão. Tirou a capemba do paxiubão, armou dum lado, armou de outro, fez cocô e fez uma canoa. Ele encheu d'água, passou uns tempos cheios d'água, até que apareceu aqueles micróbios. Quando apareceu aqueles micróbios, ele falou: "- Agora vou botar outro remédio", e preparou a água e aí apareceu esse negócio de ouro. E aí, nessa arrumação d'água apareceu um monte de gente. Apareceu um branco, depois aconteceu mais adiante. Só a voz falou: "- Você não tá fazendo tudo direito não, filho." "- Por quê?" "- Porque ainda falta fazer um monte de folha noutra capemba,

até que apodreceu." Quando apareceu, ele falou: "- Pode soprar." Ele soprou e virou gente. Mais adiante, andou, andou um tempo e encontrou um bando de macaco e o macaco desceu e começaram a brigar. Até que o homem venceu. Esse macaco é o cairara, cara de sola, chama sape. Aí disse que quando eles formaram o barro e fizeram o moleque de barro e botaram os olhos do macaco, o outro olho, quando matava outro macaco e tirava outro olho, espocava e botava a baba toda por cima, quando assoprava e levantava: "- Esse é o homem branco." Aí, a voz falou: "- Ainda falta muita coisas. Você tira a folha de embaúba, machuca, machuca e sopra e vai aparecer muita gente." Justamente a folha de embaúba parece com cabelo de negro bem agarradinho. Aí, fizeram esta mesma coisa da capemba e apodreceu. Quando apodreceu, aquela gente viraram, quando soprou foi que viraram gente, se chama puydawa. Agora, outra capemba, esse aí viraram tudo sapo, sapinho miúdo, aí ele falou: "- ESSE AQUI VAI SER PUYA, PUYANAWA." Agora, depois foram catequisados e botaram POYANÁWA. Poyanáwa por que era sapo que virou gente.

[www.ufpe.br/pgletras](http://www.ufpe.br/pgletras)